

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"

Ano V. publicado semanalmente, sob a direção de Lucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VIII N.º 1

14/1/945

DICCIONARIO
DE
LINGUA PORTUGUEZA
RECOLHIDO

[DOS VOCABULARIOS IMPRESSOS ATÉ AGORA, E NESTA SEGUNDA,
TODAVIA NOVAMENTE EMENDADO, E MUITO ACRESCENTADO.]

ANTONIO DE MORAES SILVA
NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

OFFERECIDO
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO
PRINCIPE REGENTE N. SENHOR.

TOMO PRIMEIRO.

A—E.

NOTICIA SOBRE ANTONIO DE MORAIS SILVA

Antônio de Moraes Silva nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro, na rua do Ouvidor, entre as ruas da Quitanda e do Ouvidor, conhecida antiga pelo nome de rua da Gadilha, os livrarias Botelho & Cia., o seu Dicionário. Era na época de sua morte, mais ou menos, a mesma obra, e foi vendida pela quantia de 2.000 cruzados. Os editores, porém, diante do sucesso do livro, ofereceram ao autor a gratificação de 600 cruzados.

Pertencia a uma família abastada, e teve meios de fazer uma boa instrução, orientada por um sacerdote, seu tio materno. Fiz assim as humanidades. E, aos 19 anos, estava em Coimbra, matriculado na Universidade, no curso de Direito. E, então que se liga em grande amizade com Sousa Caldas, mais tarde sacerdote, poeta de inspiração religiosa, um dos nomes principais de nossos fastos literários naquela fase. Foi na ocasião de formatura dos dois amigos que ocorreu a perseguição contra eles movida pelo Santo Ofício. Caldas foi preso, Moraes, ocultando-se em um carro de feno, fugiu para Lisboa. Daí passou para a Inglaterra.

Em Londres, aproximou-se do embaixador português Luiz Pinto de Sousa Coutinho, depois Visconde de Belém, que o fez seu secretário particular. Moraes já levava de Coimbra longos estudos de português, pois ali constantemente praticado pelos colegas por não falar bem o português o idioma, se dera a aturadas leituras de clássicos e de filólogos. Estando em Londres, prolongou esses trabalhos. Entregou-se ao estudo das literaturas inglesa, alemã e francesa. Ao mesmo tempo, tomando como orientação e critério o velho Blutius, começou a pensar na elaboração de um dicionário português. Para isso, na biblioteca do embaixador Coutinho, e em outras existentes em Londres, encontrou utilidade incensa.

Em 1783 viajou, a princípio, à Itália, e ai encontrou de novo seu antigo colega Sousa Caldas. Depois segue para Paris. O representante de Portugal na capital francesa confiou-lhe o cargo de secretário da Embaixada. Moraes ficou amigo de Eltino grande alegria: visita a capela São Roque, que sórria neste momento, os tormentos do exílio Sousa Caldas, seu grande amigo, que se condenara para fugir, e agora seu hospede.

Em 1805 recebe o título de coronel das ordenanças de Moribeira. Em 1808 é capitão-mor da vila de Santo Antônio do Recife.

No ano seguinte, tem uma grande alegria: visita a capela São Roque, que sórria neste mo-

mento, os tormentos do exílio Sousa Caldas, seu grande amigo, que se condenara para fugir, e agora seu hospede.

Estava ele no exercício de suas funções públicas, quando rompeu no Recife o movimento separatista de 1807, chamado Confederação do Equador. Durante muito tempo, acreditou-se que Moraes havia nela tomado parte. Pelo lado da Costa, porém, fez aturadas pesquisas em torno da vida do nosso primeiro filólogo, e conseguiu verificar que Moraes de forma nenhuma tomou parte no movimento. Antes, sua atitude foi a de combate franco aos revolucionários. Ele considerava a revolução como uma borrhacheira, um atrevimento grande, que havia de causar muitas tragédias. Também não participou do movimento constitucional de 1820, prestando o seu apoio ao governador federal, Luiz do Rego Barros. Ainda na Independência, mostrou-se fiel a Portugal, sendo por isso apontado pelas multidões como um empeirado concorde, e recebendo vilas na rua.

Retirou-se da política e regressou ao engenho, nos trabalhos da agricultura. Do seu engenho, teve ocasião de se manifestar favorável a Francisco Peixoto Barreto, contra Manuel de Carvalho Pais de Andrade. Nunca deixou de reconhecer e venerar o poder que se encontrou. A instância de Balmem, aceita um lugar no Brasil — o cargo de juiz de fora e provedor da arcada da Bahia.

Resultado de seus aturados e penosos esforços na leitura, é ele atacado de uma oftalmia grave. Ao mesmo tempo, sua esposa se achava muito saudosa dos pais. Moraes resolve abandonar o cargo que tem na Bahia, e, em 1796, parte para o Recife. Foi residir no Engenho Novo de Moribeira, que era propriedade de seu sogro. No ano seguinte, compra esta propriedade, e dedica-se com entusiasmo à agricultura. Dá-se, com afinco, ao estudo da medicina e da farmácia, e faz-se o médico de sua família, e de seus escravos. Dá-se, com afinco, ao estudo da medicina e da farmácia, e faz-se o médico de sua família, e de seus escravos.

Em 1805 recebe o título de coronel das ordenanças de Moribeira. Em 1808 é capitão-mor da vila de Santo Antônio do Recife.

No ano seguinte, tem uma grande alegria: visita a capela São Roque, que sórria neste momento, os tormentos do exílio Sousa Caldas, seu grande amigo, que se condenara para fugir, e agora seu hospede.

No primeiro página deste fascículo fizemos representar o fac-símile da página de rosto do Dicionário de Moraes, por não ter sido possível encontrar retrato desse escritor.

LISBOA,

NA TYPGRAPHIA LACERDINA.
ANO DE 1813.

F. Com Litografia de M. de Domburg da Fazenda.

Frontispicio da "Lisboa de Bento Ribeiro, e Campanha, quarto dezenário da 1784 de Lisboa Sobre os Martyrs, N.º 44".

Fac-símile da página de rosto do "Diccionario da Lingua portugueza", de Antônio de Moraes Silva, (Traduzido da 2.ª edição, corrigida e melhorada, E' a edição que Lourenço Freire fez fototipografar).

SUMARIO

Página 1:

Estudo sobre Verbos.

— Notícia sobre Antônio de Moraes Silva.

— Nota para este fascículo.

— O Rei cidadão, de Moraes Silva.

Página 2:

Página 11:

— Estudos de João Ribeiro, sobre Antônio de Moraes Silva.

— A Vida da Academia Brasileira de Letras em 1944. Relatório do Presidente Múcio Leão.

Página 3:

Páginas 12 e 13:

— Bibliografia de Moraes Silva, de Artur Mota.

— A poesia de Dalzo.

— Alguns fontes para o estudo de Moraes Silva, de Artur Mota.

— Nota sobre Dalzo (com fotografias).

— Revolução de 1817. — Respostas que deu Moraes Silva aos revolucionários, quando o consultaram se queria tomar parte no movimento.

— Bibliografia de Dalzo.

— Dalzo, numa opinião do crítico Jean de Bonnefon.

— Moraes Silva, de Lourenço Freire.

— L'Attente.

— L'inconnu.

— Chanson.

— Libération.

— Rondeau.

— Fidélité.

— A ma mère.

— Le Silence.

— Novembre (III).

— Novembre (IV).

— Quiétude.

— Parva domus.

Página 4:

Página 14:

— Prefácio da "História de Portugal", de Moraes Silva.

— A morte de Romualdo Roland.

— Antônio de Moraes Silva, de Silvio Romero e João Ribeiro.

— Arquivo literário, de C. K. (Celso Kelly).

Página 5:

Página 15:

— A Inquisição, de Moraes Silva.

— Versos nascidos do amor de Deus que em si possuía Santa Teresa de Jesus.

— A gramática de Moraes Silva, de Lindolfo Gomes.

— Tradução de João Alphonsus.

Página 7:

— Correspondência de escritores.

— Fac-símile de autógrafo, de Moraes Silva.

— Balada do rei das Serões, de Manuel Bandeira.

— Fac-símile de autógrafo, de Moraes Silva.

— Franco Júnior, num desenho de Raul Pompeia.

— Moraes Silva, gramático.

— A Vida dos Livros.

ESTUDOS SOBRE ANTONIO DE MORAIS SILVA - João Ribeiro

UMA NOVA EDIÇÃO DO DÍCIONÁRIO

Um dos grandes nomes literários da festa centenária do independência do Brasil vai ser a edição fotográfica do "Dicionário de Moraes" — agora empreendida por Louedelino Freire.

Foi escolhida a segunda edição que é a melhor do impecável monumento que na espécie, desde Filinto Eustáquio a Rui Barbosa e Cândido Figueiredo, é considerado o tesouro mais precioso da língua comum, a tentativa mais bem ordenada das ligações da autoridade da linguagem clássica.

Todas as grandes conhecedoras da língua, Adelmo Coelho, Gonçalves Vieira, Leite de Vasconcelos, Castilho e Camilo reconheceram em tempos diversos a opulência e o cabedal da grande obra de Moraes tão desgostosamente deturpada em edições ineptas e impurímeis.

Restituí-la à sua grandezza própria foi a tarefa que com grande sacrifício Louedelino Freire desinteressadamente se impôs e vai conseguindo com éxito absoluto neste redimensionamento que é mais um serviço que começa a levar à cabo o editor da Revista de Língua Portuguesa.

Organizado, há mais de um século, o dicionário da nossa compatriota não perdeu do seu grande prestígio oracular. Um século, porém, na vida da línguagem é um enorme lapso que não podia passar na inobligabilidade.

Assim é que Louedelino Freire nos promete ainda um volume suplementar de acréscimos e correções, que veriam justificar as necessidades de atualização do grande monumento lexicográfico que deve ficar separadamente intangível e inmutável na sua imponibilidade.

O tentame que o já uma realidade, constitui um dos magníficos serviços prestados à nossa pátria e aos seus interesses intelectuais, pois que esse Moraes primitivo que ressurge agora é uma das raridades da bibliografia contemporânea.

Poucos têm a boa fortuna de possuir um exemplar da obra que vai ser vulgarizada em "fac-símile" fotográfico em milhares de cópias.

Temos a vista as duas primeiras fascículos, que, pela nitidez e beleza da execução material, dispensam qualquerelogio.

Imparcial — 30-5-1922

EDIÇÕES PREFERIDAS

Um muito ornável correspondente procura saber de mim qual o melhor das duas edições que apoia o dicionário da Moraes.

É razoável supor que a Academia possa responder à pergunta. Eu, de mim, confesso que não sei, que o que sei é muita pouca e ainda menos adianta, como informação.

Livros antigos ficaram quase sempre na primeira edição, sendo poucos os leitores. Outras obras que lograram maior aceitação reimprimiram-se por favor das bibliógrafas e quasi sempre com cuidadoso escrupulo.

As mesmas primeiras edições nem sempre eram revistas pelos autores, no outro tempo como hoje.

Nenhum impressor entre nós fez o que fez Didot, prometendo valioso prêmio aquele que descobrisse uma gralha na página, que expunha publicamente, dos seus livros.

Camilo, dos últimos clássicos, o mais ornado quanto ao vocabulário, curava muito pouca da maneira de escrever ou por preguiça, ou, é possível, por ignorância das leis ortográficas.

De Castilho, que ditava a amenuensis e secretários de ocasião, não se pode nada afirmar quanto à pureza de qualquer edição "primitiva" do seu pecúlio.

E, entretanto, esses homens foram os dois maiores clássicos do século XIX.

Que dizer dos outros, mais antigos?

Sabe-se que foi um amigo de Vieira, o seu biógrafo André de Barros, quem lhe prestou o serviço de acompanhar a edição de suas obras.

De Bernardes, apenas um ou dois volumes da "Floresta" passaram sob os olhos.

E a maior parte dos grandes livros dos quinhentistas correu manuscrito, viciada e alterada pelos copistas.

Para obviar a essas deturpações contínuas e inevitáveis a exegese filológico criou a ideia das "edições críticas", como lhes chama.

A edição "critica" é feita sobre um manuscrito, o mais antigo que se possa obter. Mas, quasi nunca, é um "autógrafo". Pelo contrário, são

sempre apógrafo, isto é, cópias de admiradores e entusiastas do autor, por vezes de outras gerações.

Tudo isto contribui para limitar o valor das chamadas "primeiras edições".

Eis o que posso dizer a propósito da amável missivista que supõe em mim autoridade bastante para julgar ou discernir o valor das edições do fénix de Moraes, "terceiro e quarto", conforme a cópia de frontispícios respectivos que me apresenta.

Sei apenas que a "segunda edição" foi, a última de que Moraes conseguiu corrigir as provas tipográficas, e essa, considerada naturalmente a melhor e mais legítima, foi reimpressa por Louedelino Freire, que com essa reprodução fotográfica restituía a fidelidade, rítmica dos textos das edições posteriores.

Isto que posto dizer, di-lo a qualquer estudioso, e, pois, sem grande fruto recorre ao luso-fuso das minhas luzes o missivista amável.

Jornal de Brasil — 8-6-1928

III

MORAIS REDIVIVO

Só muito recentemente começamos a ter, no Brasil, uma ou outra edição fiel dos antigos escritores.

Lembramos, para exemplo, a "Prosopopeia", de B. Teixeira Pinto, pelo dr. Ramiz Galvão, e os "Apólogos diáfagos", por Fernando Nery.

Essas edições, ainda que bastante exóticas, foram moldadas em materiais tipográficos que naturalmente não conseguem a absoluta perfeição.

Agora, porém, o dr. Louedelino Freire torna sobre os ombros a empresa, um pouco tecnicamente, de reproduzir, em "fac-símile" fotográfico, algumas obras de grande vulto, como é essa grande dicionário de Moraes, que abrange milhares de páginas de reprodução.

El-a concluída, a grande edição, que assinala um momento notável na bibliografia retrospectiva da nossa literatura.

Para quase todos nós, que tínhamos em grande estima o primeiro dos lexicógrafos, era coisa impossível adquirir, a preço de ouro, os raros exemplares que ainda restam e, por vezes, aparecem, do dicionário.

Outas edições sucessivas pareciam apostar-se em destruir a obra original, aleijando-a com incertos emendas e despropósitos acréscimos.

Sob o pretexto de ampliações, o que fazia, de fato, a ganância mercantil era desacreditar e desmoronar o velho tesouro da vernaculidade.

Louedelino Freire propôs-se ressuscitar a obra primitiva nas suas ligações verdadeiras, sem nenhum retoque.

Antônio de Moraes Silva, nosso grande lexicógrafo, era um tipo reacionário, emperrado realista e inimigo de todas as ideias novas e liberais do seu tempo.

Parecia-lhe que o Brasil, com D. João VI, havia pacificamente conquistado o máximo das liberdades compatíveis com a paz e a ordem pública.

Essa convicção estava no seu temperamento misericordista, oficiário e opiniativo; e assim se explicitam suas atitudes em diversos e graves momentos da nossa história.

Quando rebentou a revolução republicana de 17, em Pernambuco, onde ele vivia, quiscaiu-no como conselheiro, por dar prestígio àquele movimento nacional. Excusou-se, pretextou doença e explicitamente condenou "aquele borbocheiro e atrevimento grande", que só premia lágrimas e desesperos à ingenuidade dos seus entusiastas.

Pouco depois, a revolução constitucional que vinha da antiga metrópole e repercutiu no Brasil, achou-o empedernido, como sempre, nas suas idéias anti-liberais e absolutistas.

Não queria a constituição, que era já o regime dos povos cultos, par mérito os idéias livres e ao espírito de anarquia que sempre as acompanhava.

Era tamanha sua antipatia a qualquer assombro de emancipação e de liberdade política, tão grande era o seu horror, que o vemos encarcerado contra a independência, como "corcunda" refratário e irreduzível, nas guerras de separação.

Essa rigidez anti-revolucionária e ultra-conservadora num brasileiro daqueles tempos, nas primeiras décadas do século, parece inexplicável, a não ser pela íntima psicologia de uma vida qua-

se claustral, indiferente e hostil à agitação popular.

Estudar era a sua única maneira de viver; queria, pois, a tranquilidade e a ordem a qualquer preço.

O terremoto político que se generalizava por todo a América, parecia-lhe uma subversão diabólica, incompreensível e absurdula.

Não devemos, entretanto, julgá-lo por esse aspecto nem por essas atitudes ferrenhas e imparitárias.

Como todo político, ainda mesmo errado, era sincero; acreditava que o legitimismo dava via a verdadeira fonte da paz e da felicidade.

Esse era o patriotismo do seu modo e segundo a ilusão de seu temperamento. Tinha, pois, razão consigo mesmo e isso o desculpava de não ter razão alguma com o resto do mundo.

A sua grande contribuição para os letos foi essa obra de unidade espiritual, o grande dicionário da língua, lamentavelmente composto no silêncio e que vai para mais de um século é, ainda agora, o primeiro, o mais perfeito e bem acabado monumento da filologia portuguesa.

Antes do dicionário de Moraes, havia apenas, digna de nota, a vasta encyclopédia de Blaueau, que, a princípio, lhe serviu de modelo, informe, fragmentário, falha de método e destituído da verdadeira carater de um tesouro da língua.

O trabalho de Moraes, na 2.ª edição, quando é o principal e o definitivo, é o que Louedelino Freire faz reproduzir em "fac-símile", é obra rarissima hoje. Só o preços exorbitantes é possível conseguí-la quando aparece algum exemplar nos mercados de livros antigos.

Consideramos um dos maiores serviços que se poderiam prestar à nossa literatura de erudição (em Portugal ou no Brasil) e também um dos maiores preços que poderia merecer a literatura nacional, essa edição admirável, que podia ser o tentame de uma Academia, tal é a grande responsabilidade econômica para qualquer editor, a qual jamais foi tentado, nem de longe entrevista, nos dois países que reconhecem sem discrepância ser este o maior monumento da nossa lexicografia.

Antônio de Moraes Silva não quis fazer um simples vocabulário, como tantos outros que antes e depois dele foram levados a término. Quis sim, organizar um dicionário "de autoridades" segundo os textos antigos e clássicos, não só os que foram indicados no primitivo planto da Academia das Ciências, mas, ainda outros, igualmente modelos da linguagem técnica e profissional das artes.

Tive ocasião de experimentar, por mim mesmo, a amplitude do seu esforço; e, ainda que eu não tenha autoridade para julgar como ele que se faça, pude, servindo-me dos textos de Moraes, escrever algumas notas sobre o título — "Lendo o dicionário", que serão, talvez, um dia publicados, se me sobrar o tempo escasso que resta aos ingratis labores quotidianos, pequenos e imperfentes.

Foi, porém, nessa humilde tarefa que desabri a imensa e acurada atividade do lexicógrafo e pude estimar a soma incrível de pesquisas originais que realizou num terreno quase inexplorado pelos seus precursores.

Aliás, todos os eruditos portugueses de hoje reconhecem a primazia que, no gênero, tem o grande tesouro da vernaculidade conjuntado por Moraes no seu dicionário.

Considero, pois, inestimável serviço essa preciosissima edição "fac-símile" (a maior edição fac-símile que em todo o mundo se tem feito), o qual nas vulgariza o mais belo obra clássica que na espécie os dois países de língua comum têm agora produziram.

O velho tesouro, repetimos ainda uma vez, andava ai em sucessivas edições espúrias, oferecidas por mãos inábeis, senão inéptas. Conviria desagravá-lo do insulto que ia, pouco a pouco, desacreditando os qualites do antigo ouro de lei com quanto alguém lhe queria.

Agora, temos essa restituição fotográfica, fiel e exata.

Deve ser, por sua natureza, uma empreitada oficial, mas é bem que não o tenha sido.

No nosso Congresso Legislativo houve já quem, inutilmente, a pedisse e aconselhasse.

Al está a realidade que se consumou tranquila e serenamente, sem outro favor que o do público,

O Jornal — Setembro — 1923

MORAIS SILVA

HERBERT PARENTES FORTES ANTONIO DE MORAIS SILVA

maticas particularizadas de todas as outras línguas. Contrariamente à portuguesa, por exemplo, não está sujeita à gramática latina. Isto é o afirmado recentemente em Comillat: "Nous avons compliqué notre grammaire, parce que nous l'avons voulu faire d'après les grammairies latines. Nous ne la simplifions qu'autant que nous rappelons nos expressions aux éléments du discours".

Debaixo de uma aparente regularidade, logística, perto-realista, temos, num clara oposição contra o primado latino e contra o grego, segundo os etimologistas do Renascimento, e contra os etimólogos franceses, ingleses, etc. Moraes manteve-se fiel a essa "retro-atitude" gramatical. (Cf. Epitome, IV (8), XVII (13), XVIII (18), XXVII (6, duas versas), IV (nota 5), etc.). — O autor arrola entre os vícios gramaticais o "latinismo". E o "perigo" Alceto.

Com habilidade súbia de registo, observa: "Na língua que falo, onde a transposição das palavras é mais livre, pode ter o significado indicado sem hesitação... figura mais ordinária nas línguas mais exigentes à colocação direta". (Gramática Port., pag. 114, n.º 5. — 1.ª ed.).

Como se pode depreender do texto, Moraes não difere da "filosofia" em absoluto, mas dentro das suas crividades, a do tempo e da diversidade das línguas, consideradas em sua autenticidade, sem conteúdo próprio. E isso aplica-se às figuras. Deve a fonética e a grafia até a concordância, a regras, a ordem e a estilística (Epitome, IV, (8), idem, nota 6), XXXVIII (6), XXXII (1), Gram. Port., 114, etc. — tudo que constituiu uma língua é dado por ele como absolutamente de mesma. Naíra certa parte fará notar a necessidade do verbo substantivo — que — em chinês, indo-gálida e gregos. (XIX (8) —).

Mediando os fatos bugulhetados com o lugar, o tempo, ou como outra — dissolvendo-as deles — as denominamos gramaticais.

Iniciou-se para Moraes o galiciano é certo em francês e errado em português; ou o latimiano é certo em latim e errado em português; e com o tempo o certo pode tornar-se errado, como nos argumentos; e por evolução um termo em expressão pode deslocar-se de uma denominação gramatical para outra, inclusive em contradição uma nova em evolução normal — converter-se em hipótese ou em soletrado (XXXVII, n.º 7), respectivamente. — E que casa Moraes a terminologia gramatical é uma como "casa" faz diferentes funções por onde a língua em evolução é "caso", — cada parte pelo seu mérito preferente. — Não pode constar nenhuma dúvida (Epitome Histórico da Língua, Epitome, pag. 1, último parágrafo, XXV, 39). — Tudo isso é a grandeza ereta que determina as línguas, essa ereta é que degeneram a gramáticas e que nascem e crescem, a morte é a regressão, a ordem, a estilística, do que são constituutas.

Ajuntou-se a isto: é em Moraes, o falso tempo é insustentável; e não é o mesmo, onde também está o acusativo, nem o futuro, que não se pode dizer (uma é a mente possível), mas a PRESENTE; não é dia, expressamente, e ainda que aja o sujeito de "verbo" (isto é, verbal); — em sua Epitome e em sua Gramática constante, como uma violadela "modista" do que é "certo" em Linguagem — "lesões", "excessos", "reduplicações", "presumções", etc. Mais valeu, contradizentes: "todos dizem", "XIX (certo), "hoje dia", "XIX (não), "hoje dia em todos" (Vol. 6), "hoje dia-mos" (no futuro) (XXXI, 28), antigamente o verbo — por — agir. He deu uma espira conjugativa (XL, 9), "Barcos navegam — eram — existiam — homônimos... — sono o meu amo..." (XLI, 4), "hoje se não nascem" (L, 3), "XV, (3) "hoje se formam" (XLVII), "hoje nascem" (XLVII), "hoje dormem" (XLVIII), etc., etc. O maior leitor teria paciência, mas devo te devagar e chama-lhe a atenção para as minorias em número lugar, para a insistência do "certo"; em segundo lugar, para a plural da primeira pessoa, — o "presente geral" da regras gramaticais — verdadeiro símbolo da morte, com a participação ativa de quem fala; em terceiro lugar, rixa e atípico "indiviso"; — com dispersão de qualquer outra "justificada".

Eis Moraes, na nobreza consciente da que desumanizam de "autenticidade" da língua, inferioridade própria de cada uma delas, que capacita, autenticamente autônomas, vocações sui generis, intransladáveis em outra língua ou em sua bagagem cultural. Poderemos definido "Milionário", escreve: "Modo de falar, frase, conjugação contrária às regras de terminologia Filosófica Universal, nome próprio de alguma idioma em particular" (Dicionário). — Quizo falar justificando-se de haver salido da sua filosofia certas regras, não diria aquela que sóto seu leitor é apenas da que há de "presente" português? — Mais, noz, explicando a dualidade de sua gramática, ensina tudo em necessitar as peculiaridades de "genio" de nossa língua" (Epitome, 11). Ainda mais, invertendo o sentido do sinônimo, escreve: "Nascem-nos aderir o que há em nossa língua, para não exemplificarmos as preceções e observações dos morais e extrâmas" (XXXV, 29).

Basta bem clara: Moraes trouxe o mundo umbílico do etimólogo e traxá-la à língua portuguesa para dentro da sua especificidade e sua liberdade de evolução. Ajuntava a isto — como nogueira a baile — um sentido ruído de conceito epítetivo da filologia: "Dois bons autores ficaram "exemplos" que te "propõe" — diz eu ao seu leitor, — avançando-se mais como "filólogo" do que como "gramático"; — Só que esta sua desconfiança bém, sempre que as vidas da primeira pessoa da plural, os pronomes "todos", das expressões "língua materna" (XV, 4), nome próprio, identifica, etc., sera cada referência — e para "nós" um incômodo da gramática.

Concluído se Moraes não considerava negar a língua portuguesa enquanto língua materna e "côde da Pátria" (Pedroso da Primeira Edição do Dicionário), inspirado em sua história própria, —

desde as origens, e aliás de sua ventura própria, como a do "bono Século" (Idem), e só a levava no presente e suas pressas que "haja" a falam, — e, e, e, sem falar os textos, que já não correspondem a uma língua portuguesa de Brasil.

Como cultista "português", acreditou a condensação das suas em leçon e mestre de Portugal; não defendeu a língua da sua província, mas a de sua Pátria. Acreditou a condição de colono e, para poder falar certo, aprendeu português depois de homem. Como o diz, — impressiona: "A ignorância em que me achava das coisas da Pátria fiz que em language não os "nosos" houvesse autores... para me informar da veneziana...". E que confissão de colono sincero e leal, para conhecer a "língua materna", precebia de "ler" livros. O que leva o avôido de "enterro" para dentro de sua violenta metáfora. — Mas submete-se. Antes, fez tudo por consegui-lo.

Em verdade, não o conseguiu. Colocou mal os pronomes atones, errou mal, redigiu mal, exerceu forçado, não participou de um "sentido" sóno da Nação Portuguesa. E quando os fatos o animaram a libertar-se, — libertou-se e cobriu de labirinto os seus amigos "acobrados", como se poderia ver na sua irritada Odor a Pedro I, — depois de "leia".

Então, com o Brasil livre desde mais tempo, Moraes, o sensível e o recalcado, com a cultura que passava, com o temperamento que Moraes tinha, — disseram, convintamente, — assumido a iniciativa de defesa justa de nossa autonomia linguística, — da nossa autenticidade, nossa beatitude própria, nosso gênero particular, nosso presente pessoal, através de nossas línguas. Com ascendente e muito fundamento, tentou ditar como erronea numerose "imitacionistas", e considerado muita colonização artificial de pronome de classe escrivido como "superbolhas", e libertado de coíns de "arcaneis" portugueseis com as suas Pátrias.

Sentindo como definitiva o nosso destino, separado, não mais uns falaria, — com certeza, — no que é propriamente português, dirigindo-se a um rei do Brasil, adversário de Portugal. Legítimo o clíduo brasileiro, não mais aquela "certidão" de falar ingenuamente a língua de sua terra, ante encosta alta, com orgulho, a humildade sofrida na sua mundezia, — convertendo em título de valor e prova de que estava certo, quando era a promessa e a sorte de Portugal, assim poder acertar nela, ainda nosso.

Uma das razões que me induzem a crê-lo é o fato de Moraes não abusar jamais nos erros brasileiros que o perturbavam, apontando a sua origem e combatendo-os. E certo que looks molto em prevezer contra construções como "para mim faxes", "anel-line", etc. — que não diz santo o lugar onde se deve falar, nem necessariamente é a língua de Portugal, nem poder acertar nela, ainda nosso.

Relativamente ao verbo — haver — impessoal, faz questão que falar é inteiramente equivalente ao verbo — ter — possess. — É uma atitude bizarria, chega a ser útil neste caso. (XXXV, 26). — "Um Indiano a falar para onde nos nossos passos, v. c.," "sabe em terra", "Seu pastoreio em passos passou a história...," (XXXV, 20). (Mas, contradizendo-o): "... viemos em sa busca de Deus". Hoje díramos as horas, "passou em França...," dissemos agora: "passou a França...," (XXXV, 28). — Visei, claramente, que Moraes andava sobre Gila e Cabedelo...).

Relativamente ao verbo — haver — impessoal, faz questão que falar é inteiramente equivalente ao verbo — ter — possess. — É uma atitude bizarria, chega a ser útil neste caso. (XXXV, 26). — "Um Indiano a falar para onde nos nossos passos, v. c.," "sabe em terra", "Seu pastoreio em passos passou a história...," (XXXV, 20). (Mas, contradizendo-o): "... viemos em sa busca de Deus". Hoje díramos as horas, "passou em França...," dissemos agora: "passou a França...," (XXXV, 28). — Visei, claramente, que Moraes andava sobre Gila e Cabedelo...).

Louvo respeito a causa (VIII, 14, XXII, 6), e a conexão das provas. — São sendo portuguesas, não as assumimos e nelas erros pura falta de educação oral e apodrecimento da infância, — das falhas paternas. Apesar de português já horrem, — em livros... (Por, acreditem, muitos brasileiros que já sabem cravar e encher pronomes árabes). — Havendo tanto falta de genericidade, é como se a gente pudesse ignorar-se de preceção.

Promissões.

Os compendios gramáticos de Antônio de Moraes Sáez sózinho "agüentam" por um sentido politico denunciador do seu estatuto de capitão. A todo o momento se defronta aos "nossos grandões" (Cap. I, II, VIII, 6, e, XI, 2, XXII, 8, XXXII, I, XXXV, 12, 15, XXXVIII, 2, etc.). Ora se confronta arrogante e tal adversário, com um certinho de emprego e algum menorprezo; ora lhe contrapõe "eu souza ministro". — Não devem o seu intento de desfazer.

Também sobre notada a confusão, — perdiu-se em filologia, de numerosas capítulos e introduções, fax filologia, gramática, retórica, gramática histórica, etc., de combate. — E de acordo com o seu acúlio,

SILVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO

Antônio de Moraes Sáez (1755-1821) é o cultor lexical brasileiro, ainda hoje o mais distinto da língua portuguesa.

Um critério interessante para escrever a história literária seria o linguístico.

Aexistir no desenvolvimento moral da língua, suas transformações e alterações naturais, filosóficas, por assim dizer, seria a base do processo. Acompanhar esse movimento no povo e nos escritores, seria intensamente interessante.

Um dos sintomas seguros que da raça originalidade e pequena constituição íntima do povo brasileiro é a rebreza de sua ação sobre a língua portuguesa.

Assim, não exprimindo, não querendo contestar certo número de modificações que têm sofrido a língua nas províncias.

A língua tem-se modificado entre nós tão tanto como fôr de esperar do conflito do trevas diversas num modo novo, diante de necessidades novas e da aflição estrangeira.

Desde os tempos coloniais a língua portuguesa outros a tomar com grandeza de brincadeira com os brasileiros por causa da proximidade e mesmo da língua.

Antônio de Moraes foi uma das vítimas das graças. Quando residiu no reino, foi chasqueado por sua proximidade. Para se vingar intentou mostrar que sabia mais a língua do que aqueles que debatiam e escrevendo o dicionário que só publicou em Lisboa em 1785.

Moraes tinha a intuição de caráter mobil e progressivo das línguas vivas e esta ideia vem consignada em seu prefácio: "Estes não caíram na pedra rina de zojegarem a uma idade clássica, o que seria absurdo em uma língua viva, e mais agora que nos fomos enriquecendo de ideias filosóficas, de noções relativas ao Comércio, Artes, Manufaturas, à Ciência Política e Económica, e a um sem número de ramos de saber, e erudição cada um dos quais faz um vulto em Dicionários pesadas de qualquer deles".

Apreciado do ponto de vista do progresso moderno em linguística, hoje que estão classificadas as principais casas e línguas do mundo, hoje que o grupo indo-europeu é conhecido nos seus mais intrincados problemas, e a ramificação românica em suas últimas detalhes, o Dicionário de Língua Portuguesa é uma obra arrasada.

Atendendo-se à ciência do séc. XVIII em Portugal, é today hoje o melhor que podemos.

(Continua na página 11)

A INQUISIÇÃO

A respeito do establecimento de características de autenticidade, foi feita com grande circunspeção e traxá-la à língua portuguesa para dentro da sua especificidade e sua liberdade de evolução. Ajuntava a isto — como nogueira a baile — um sentido ruído de conceito epítetivo da filologia: "Dois bons autores ficaram "exemplos" que te "propõe" — diz eu ao seu leitor, — avançando-se mais como "filólogo" do que como "gramático"; — Só que esta sua desconfiança bém, sempre que as vidas da primeira pessoa da plural, os pronomes "todos", das expressões "língua materna" (XV, 4), nome próprio, identifica, etc., sera cada referência — e para "nós" um incômodo da gramática.

Concluído se Moraes não considerava negar a língua portuguesa enquanto língua materna e "côde da Pátria" (Pedroso da Primeira Edição do Dicionário), inspirado em sua história própria, —

prender os Bispos por suspeitos de heresia, nem condenar as pessoas acusadas deste crime, etc. sem o consentimento, ou concurso do seu Bispo. Mas os Inquisidores, que não suferam bem estas limitações, iluminaram com explicações plausíveis, porque, confessando de que não podem mandar levar aos Cárceres ou Ordinárias, têm que os podem ter em nenhuma das suas casas. E quanto aos acusados, ainda que os Inquisidores pedem os Bispos a facilidade e concurso de seu voto para os condenarem, se os Ordinários lhes negam, como talvez aconteça, — Vol. V — Moraes Agosto, 1942.

(Estátua Clássica de "Reis da Língua Portuguesa" — Vol. V — Moraes Agosto, 1942.)

CARTA A CAIRU'

Engenho Novo da Mucambu, em Pernambuco,
25 de setembro de 1813.

Sr. José da Silva Lisboa.

Quem dirá que vivendo nós aqui tão perto, o tendo eu alguma curiosidade de ler, e, ainda da impotência da minha vista, a sofrerção dos castrados para as boas obras, ainda agora neste momento occasione de ler a sua terceira parte das Observações sobre o comércio Franco do Brasil! E mais foi mandado do Rio de Janeiro o exemplar, que li, em janeiro de 1809, pelo meu benemerito Tomás Antônio de Vilanova Portugal, a um amigo seu, com recomendação que me mostrasse. Não sei por que meus fados não há nesta terra nenhum alfarrobito de certilhas e livrinhos de Santa Bárbara nem ao menos um pouco de espírito comunicativo de coisas boas, e de novas frutas que honram o nome "brasileiro". Paciência, e aqui vai o seu favorito — "Sedecimor, out!" — Eu li Smith, em Londres, em 1779; mas mui por alto: outras opiniões e obrigações me desviaram de o revolver de escondo, e ponderadamente, fiquei-lhe todavia com ateigão, que me obrigou a levar a Bahia a mó tradução que ali lhe mostrei, o que assim mesmo excitou a electricidade, luminosa não menos que energé-

ca, que o seu profissional e zé das coisas da nossa augusto soberano, e de todo o povo: fiz resumidas cuius escritos bem passadas, e lham fárias, que é pena não saírem bem vistos, talvez por mal entendidos de muitos, a quem é necessário ascender grandes foras, mas, o que é mais difícil, tirar-lhe névoas e belas dos olhos: e numa palavra dar-lhes razões, e razão, e até entendimento, se bem que cuido, que a negra da inveja entenebrece as coisas mais lúminosas; e faz voluntária o que os observadores do sol praticam obrigados, apondo as lentes oculares vidros corados, que enfraquecem a luz forte, que deslumbra.

Aqui no meu moto apresentei um Smith inglês, um Lay, seu bom discípulo e comentador, o Canard, e outros da mesma seita, que é desgraça não haja feito mais fortuna entre gente que trata de legislação, cuidando que o seu objecto se limita só ao que é justo, e a polícia de enfocar, ignorando que a sua figura faz quem nessa ordem de coisas aparece hospede na ciência do útil aos Estados, ou corre olhos e ouvidos a quem lhe dão mil palmas, muito demonstrado, e tão comemorinha, que o engulifam sem gaspas meninos, que já podem comer pão cedo, quanto mais os Peguistas, Febis-

Vanguervistas, etc., se é que estes leitores não olham os cérebros ou os tornozelos e cotovelos, como Cobanis afirma, que se tem visto os de homens estupidos ou ignorantes. Eu esperava ouvir dizer, das suas prelações neste artigo, que os sistemam a elas até frades, quanto mais homens de lei; mas já sei, que o nosso aleijão é ainda sobrecarregar os homens de rara merecimento, para com muitos abacaxis (que os desviam do seu grande alvo, e cortam os dedos das suas coisas), e fazem voluntária o que os observadores do sol praticam obrigados, apondo as lentes oculares vidros corados, que enfraquecem a luz forte, que deslumbra.

Há poucos dias que o João de Deus lem cuja casa tomou o primeiro andar para hospício, quando vou à praça) me mostrou outro papel seu, sobre a extensão ou prorrogação do monopólio da campanha dos vinhos do Porto, no qual admirei a mesma justiza de idéias, bem enunciadas, e demonstradas com excedente ordem, como de quem tem dirigido o assunto em todos os seus mínimas e mais delgadas ramificações. Deus abençoe os seus trabalhos, e lhe dé a

consolação de os ver oprimidos, apesar das contrariedades de ignorância, e da "emulação", porque ouvi dizer dessa um caso que me surpreendeu, tanto por quem figura nela, quanto me encorajou de prover pela energia de repulsa, com que Vmc. confundiu a temeridade do mal iniciado nestas coisas, e que com a altura do posto, e das privações, calçou coturnos tolhidos para moitos estatutários, se nestes cabe, quando tem ao menos justa grandeza, não digo já a maliciosa arrogância da rivalidade, mas nem sequer a imodéstia nos censuras dos dissidentes. Animo, meu amigo. Se as pedras sepulturais não recitam à posteridade, as prendas e méritos da modestia, as obras, que o prelo perpetua, e o tempo não gosta, como os ossados podres, e memória dos que jantaram com o defunto, e o esquecem às três horas depois de esfriar o cadáver, asseguram-lhe uma duração de glória, e até de recontroamento dos animos bem organizados, "quibus meliori luto finxit praecordia Titus."

Aqui, ouvimos, com mágoa, minha mulher (que se lhe recomenda e dá os pés somos), e eu a falta da Sra. D. Ana: muita me alegrei de saber que seus filhos estão muito aproveitados, e lhe dão muito contentamento, que é um dos benefícios

(Continua na 10.ª página)

PORUGAL -- MORAIS SILVA

Portugal, que foi nostro tempo parte da antiga Hispânia, puctuado, como muitas outras regiões, de uma antiguidade que se perde na obscuridade dos tempos. Os autores portugueses querem que a sua pátria fosse povada primoramente por Tubal e pela sua família, do qual dize que fundou uma Cidade, a que pôs seu nome, e que ainda hoje existe como o de Setúbal; e têm isto por uma prova sem réplica do que afirmam. Mas os historiadores espanhóis, rara vezem orgulhosos de sua origem que os portugueses, contradizem-nos, e relatasem o mesmo Tubal, como fundador da sua Monarquia.

O certo, porém, é que a antiga Espanha, em geral, vinha desaparecer uns primeiros povos, e que Portugal, parte considerável dela, foi habitado pelos Tartáruos, os quais foram expulsos pelos Teles e Tassies, que se instalaram na terra, e lhe embrenaram o nome Lusitânia. A este sucedeu o de Suecos, quando nela dominaram os Suecos; e depois os Romanos, e Godos, que sucessivamente usurparam esta região; que restituiram, e conservaram o nome de Lusitânia, que durou no tempo da invasão romana.

A Lusitânia, segundo o que indica a antiga geografia, era menos extensa para o Norte, e mais para o Este, do que hoje é o Reino de Portugal;

e, depois de haver participado da fortuna do resto de Espanha em todas as suas revoluções, veio a ser conquistada nas Moors, em grande parte, por D. Afonso, o VI, Rei de Castela e Leão, que, conforme alguns escritores, a as suas conquistas pelo Oriente em dote com sua filha, e o título de Condado soberano, a D. Henrique de Borgonha, Príncipe da Casa Real de França, que viveu em seu socorro; e, segundo outros autores, este mesmo Príncipe, pelos anos de 1212, foi eleito em Conde de Portucale, ou Porto, Cidade recificada por ele junto à foz do Douro, donde veio a Lusitânia o nome de Portugal, que logo conservou. A este Príncipe sucedeu seu filho, Dom Afonso I, que depois de memorável vitória que, no ano de 1230 alcançou dos Moors, no campo de Ourique, e com que dilatou as raízes de Portugal, foi aclamado rei; e é de notar que a influência e poder da Corte de Roma era, naqueles tempos, que o novo soberano julgou ser necessária que o Papa o confirmasse naquela suprema dignidade, e com efeito foi confirmado nela em 1279.

Tal é o fundamento de uma Monarquia que, encerrada em certos limites, com fracos meios, e pouca gente, Espanha de Portugal para tem brilhado na História com cima de 200 milhões de grandíssimo esplendor. Nela se viu com espanto uma série tempo era soma prodigiosa,

Heróis, não só expulsarem os Hollandeses, que andavam em Mouros de Portugal, mas ir guerra com os Espanhóis, expulsaram os Espanhóis, e lá se instalaram os Portugueses, e de seu domínio, e lançar ali os fundamentos a fortunas estabelecimentos da Asia, com cor de setem Vasalos do Rei de Espanha. Não há pretérito que a cobre os confins da China, de sorte de inventar, e as Conquistas, que, entre as Nações modernas, a portuguesa é talvez a que mais se ilustrou, por uma larga série de tempos.

Mas este Reino veio a desair desde que por força de armas se reduziu a Província de Espanha. Porque, enquanto o foi, a marinha portuguesa andou sempre ocupada no serviço da Nação dominante, e nele se arruinou; o seu comércio teve tal quebra, que suas frotas mercantis houve diminuição de mais de 200 vasos de alto bordo: exgotaram os seus arsenais; e sua artilleria se levaram a Espanha, sobre infinito número de caixões de ferro, mais de duas mil peças fundidas. Então se viu, o que talvez não aparece em mais de Monarquia alguma, acharam-se na praça Maior de Sevilha que canhões com as armas de Portugal. Os pedidos de dinheiro foram tais, que no curto espaço do tempo, que passou desde 1580 até 1626, saiu a

Holanda, que andavam em África, e ainda de uma grande parte do Brasil na América Meridional, uma das mais vastas, e mais ricas colônias do Mundo, e que os Portugueses haviam adquirido no tempo de sua independência.

E se bem depois da revolução de 1640, em que foi coroado D. João III, Duque de Bragança, o Brasil foi recobrado, é certo que este Reino nunca pôde sanar de todo em todo as suas perdas.

(Estante Clássica da "Revista de Língua Portuguesa" — Vol V — Moraes — Agosto, 1921).

Vocabulário da Língua Portuguesa

Compilado pelo Padre D. Rafael Blitman.

"Referenda" e muito acertada

Por

Maria da Moraes Silva,

Editorial do Rio de Janeiro

Lisboa, 1780.

Folha original da primeira tentativa do dicionário de Moraes. (Arquivo J. P. Pereira, Antônio de Moraes Silva, in Proclamação)

VERBOS

1. O Verbo é a palavra com que declaramos o que a alma julga, ou quer, acerca dos sujeitos, e dos atributos das sentenças; em que afirmando e mandamos; v. g.: Eu sou amante; o pomo é doce; Filho, só temente a Deus, e assim.

2. A significação, ou significado principal dos verbos, ainda anexa à significação de algum atributo da pessoa ou coisa, em quem o atributo existe, ou queremos que exista; e das diversas épocas em que o atributo existe, existiu, ou existirá no sujeito. Assim: Amo por si só equivale a Eu sou amante atualmente; Amo a Deus, a: Só tu amante de Deus; Amei refere o atributo ao passado; Amarei ao futuro.

3. Quando a alma julga, ou quer, pensa de dois modos diversos; e por isso as variações dos verbos, que declaram a afirmação, e o nosso mundo, ou querer, se dizem Modos do verbo. Ora, nós podemos afirmar, ou querer, com alguma diferença, e, modificareis; e por tanto os Modos do verbo podem ser também ou querer. Mas a gramática só reconhece por modos diversos aqueles, que se exprimem com palavra diferente (1).

4. Na língua materna temos dois modos verdadeiros, o Indicativo ou Mostrador, com que afirmamos, e o Imperativo, ou Mandativo, com que mandamos, pedimos, exortamos, ou declaramos o nosso querer diretamente a alguém.

5. Temos mais variações verbais ditas do Modo Conjunutivo, ou Subjuntivo, as quais não declaram afirmação, nem mandado; mas aju tam um atributo verbal referido à primeira, segunda ou terceira pessoa, e tudo subordinado a outra sentença principal, em que entra verbo no Indicativo, ou no Imperativo: v. g.: Não espero que venhas cá; Amo, para que te amem (2).

6. Estas variações verbais subjuntivas tanto não afirmam nem mandam, que se podem suprir com um nome abstrato, que signifique o atributo verbal, e um articular possessivo, ou com infinitos pessoais: v. g.: "Filho, quis queria que morresse, que ofendesse a seu Criador com pecado mortal". (Flor. Sanet., vida de S. Luís, f. CVIII, edição de 1567). "O Imperador desejava muito de ficares (que fiqueis) na sua terra: A causa, que me fez conhecer-vos, essa me faz que vos leixe" (Barros, Clássico, Leixor por deixar); Trabalha, filho meu, por agradarem tuas obras a Deus (ou por que agredem)" (Mendes Pinto, c. 108).

7. Nos exemplos citados a que morressemos podemos substituir a tua morte, ficando o mesmo sentido; e ofendes podemo substituir

ofensa tua a Deus; que o ofendesses; isto é, o infinitivo pessoal pelo subjuntivo; a ficares podemos substituir a vozes ficada, ou que ficasseis, o subjuntivo pelo infinitivo pessoal. Em lugar de conheceres podemo usar de vos conheça; e por vós leixe, deixar-vos ou a minha deixagem de vós.

8. Destes mesmos exemplos se vê que os infinitivos e Pessoais (mui próximos, e talvez só da língua portuguesa) não são outros modos verdadeiros dos verbos; mas palavras equivalentes ao atributo do verbo referido a uma das três pessoas, como se faria por meio dos articulares possessivos meu, teu, seu, nosso, vossa, seu, deles. Assim termos, terdes, terem, significam a nosso li-

cão, ou a nosso ler, o vossa ler, ou a vossa lição; e o ler ou lição deles. Nestas variações verbais descomponde-se o verbo mais que nas do subjuntivo, porque neste modo o atributo se refere a uma época; mas variações infinitas pessoais, perdo esta significação acidental de tempo. (V. Clássico, I, 2, c. 24, pag. 267, ult. edição). O vossa enxertar equivale a enxertardes; e ali mesmo folgares d'adventurar equivalente a vossa folgar.

9. Nos Infinitivos puros representamos somente o atributo verbal, sem afirmar, nem querer, nem relatar com pessoas, ou tempos; eles são verdadeiros nomes verbais abstratos (3): O murmurar do povo é a murmuração do povo. O riar faz bela a Natureza! Por isso concordam com adjetivos articulares e atributivos: "Porém vós, tristes Reis, neste ser Reis, negais a natureza, de que Deus vos formou." (Mend. Pint., c. 168).

10. Dos mesmos verbos se derivam as palavras em ante, ente, inte, que significam adjectivamente o atributo do verbo: v. g.: Eu sou amante (4). Estas tomam-se comumente por substantivos: v. g., o regente, a cava, o intendente, a corrente, etc., cideia etc.

11. Derivam-se mais dos verbos outras palavras em ando, ando, indo, que significam o atributo verbal adjectivamente, e imperfeito, atual: v. g.:achei a Pedro dançando, cantando. Os gramáticos lhes chamam Particípios do presente (5). Estas mesmas palavras se tornam como substantivos abstratos, que representam o atributo verbal incompleto, imperfeito, atual, e nisto diferem dos infinitos puros: v. g.: muitas outras coisas contêm o Livro, que entre lendo se perde"; i. e., ao ler, ou na leitura". "A mancira d'acrescentando o desejo ao pedido". (Menin. Môaco, pag. v. o Título, edição de 1550, o L. 2, c. 4). "Sem sendo resistentes, nem punidos" (Cártes d'Evora de 1442, art. 1). "O Impera-

dor, em lhe cobrando em de ofensas tua a Deus; que o ofendesses; isto é, o infinitivo pessoal pelo subjuntivo; a ficares podemos substituir a voz ficada, ou que ficasseis, o subjuntivo pelo infinitivo pessoal. Em lugar de conheceres podemo usar de vos conheça; e por vós leixe, deixar-vos ou a minha deixagem de vós.

12. Temos mais palavras derivadas dos verbos, terminadas em ado, ido, que se tomam adjectivamente, e significam o atributo do verbo passivamente, completo, e acabado v. g.: o livro está lido, a casa coida, paramentada. Então se dizem partícípios do pretérito, ou passado. Outras vezes se tomam como substantivos, que só se usam no singular, no gênero masculino, e representam o atributo do verbo abstratamente, mas como acabado, e perfeito no sentido ativo, ou neutro: v. g.: tenho lida livros, acabado obras, visto cidades. Neste sentido se dizem Sufijos, e são nomes regidos, ou pacientes dos verbos Haver e Ter; porque assim dizemos tenho vestido, uma casa, como tenho lição, ou leitura feita, que é o mesmo que tenho lida etc. Os latinos têm partícípios, ou adjetivos verbais, que referem o atributo a uma época futura, o que chamam *participes de futuro*. Nós os imitamos, e deles tomamos vindouro, duradouro, futuro, e poucos mais. Os antigos disseram recebedor, digno de receber-se; d'estadinho, digno de ser d'estadado etc.

13. Acérea das modos verbais, advertiremos que os poetas, imitando a simplicidade primitiva (usada ainda entre iguais, e familiarmente; ou das superiores com os seus subordinados), usaram pedindo, do modo mandativo: v. g.: "Agora tu, Calíope, me inspira"; outras vezes do subjuntivo eljetivamente: v. g.: "Musa honremos o herói etc., e assim pedimos cortésmente. O legislador manda, ou proíbe predizendo, com o futuro do indicativo: v. g.: "Amarás a Deus; não jurarás o seu santo nome em vão". Comumente usamos proibindo, dissuadindo, ou pedindo que não, do modo subjuntivo: Não nos deixes cair em tentação; Não se move ninguém; osseguravos. (Sade Mir., Estrang., Prol.); Não cuidais que sendo tal, blusismo, rene- gador poderéis entrar no reino dos Céus. (Paiva, Serm., I); Esforça Infante, nem é o peso inclina (o imperativo inclina, por in-

clines do subjuntivo, é um Intimus). (M. u. s. i. h. o, razão dos atributos, são, ou talar, disseme etc.) Convém se alegre em vos saudar! Neste sentido estas variações se chamam *Gerações*, e são verdadeiros nomes, pois são regidos de preposições. Posto cu a mesa é frase clética: i. é, em cu este fundo posto a mesa; morto Herodes, i. é, em sendo morto; como: em maços lá se foram etc., em sendo mortos; em verde colhidas etc., em sendo verdes etc. (V. Leão, Crón., tomo I, f. 151, edição de 1774). Aqui o adjetivo modificante concorda com o nome: v. g.: Em tudo a vossa túnica tão formosa e bela..

14. o atributo verbal nas afirmações variáveis se refere às pessoas: eu, tu, ele, v. g.: inferior, em sou ferido, nós, vós, elas v. g.: leio, derivado de ferido, ativo, eu leis, tu lemas, ledes, leem; firo; aqueles verbos chama eu e nós são as primeiras manifestações *passivas*; nos te- pessos; do singular, em nós, mos verbos passivos.

15. Verbas neutros, i. é,

correspondentes a primeira, nem a segunda pessoa, que são de comum, homens, porque os atributos dos talas verbos não podem competir a homens; assim não dizemos: em choco, em curvado, em travejo; no sentido figurado, porém dizemos: tu nos chaves altas destruídas". (Caminha, Ode 8 e Epist. 14. (Dizemos mais o Cón choco e gelo, nevo, tracma. A estes verbos chamam os Gramáticos *impessoais*, ou carecentes de variações pessoais; mas elas as tem, ao menos das terceiras pessoas. Por isso não dizemos fredo, de feder, nem munho, brundo, de muir, brandir etc., e aos verbos semelhantes chamam *defectivos*. (Vide no final destas Gramáticas o que dizemos dos verbos *defectivos*).

16. Civilmente usamos, juntando a um só, das variações verbais correspondentes a vós: v. g.: Sabéis, Senhor, o que vai? Poude men Deus, em mim os olhos, etc. (6) Outras vezes usamos da terceira pessoa: v. g.: "Linguas tem V. Alheia; Ele por si lho diga", (Rezende, Vid. do Inf. V. Ulísipo, F. 40) "que vê elas em nós?" Mas quando alguém fala, ou se exorta a si mesmo, considera-se como segunda pessoa: "Morre, Alonso d'Albuquerque, morre (dizia ele consigo mesmo), que cumprá a tua hora: morrerás". (Couto, Dec. 4, L. 6, c. 7, f. III, v.)

17. Os soberanos falavam de si com os verbos no plural: v. g.: mandam, fazem saber etc. Os Príncipes maiores ainda hoje o fazem; mas não la razão por que um particular diga, por exemplo: Exereverei a vida de D. João de Castro... e logo: E nós ajudaremos o pregão universal da sua glória etc., transformando-se o escritor de um em muitos.

18. Os atributos anexos à significação dos verbos são ativos: v. g.: servir, matar, dar; ou de aero esta- por que se disseram cati- do; v. g.: estar, igualar, en- clinar, parecer. Assim viam a entender, que voluntariamente o fizeram como

MORAIS SILVA

Do verbo e seus modos, atributos, tempos e pessoas

quando dizemos: *cultivou-se da cortesia, da formosura* (7). Dizemos *rivese, enfatizar-se da, ou enfatizar a verdade; rie a hipocrisia; etc.* (Paiva, *Serm.* I, 52 Ferreira, *Carta 4, L. 1.*)

23. Quando o sujeito faz a ação em si mesmo: v. g.: *Pedro feriu-se, cortou-se*; dizem os gramáticos que estes verbos são reflexos. Se os sujeitos são reciprocamente agentes, e pacientes; v. g.: *"Pedro e João amaram-se; feriram-se"*, chamam-lhes verbos reciprocos; mas estes verbos não os mesmos na figura; e no sentido, que quando têm agentes, e pacientes diversos. Outras figuras, têm propriamente (isto é, em sentido e figura) *verbos médios; dobradamente ativos*, de que nos exarcemos; os reflexos, os pronominalizados, e os reciprocos são ativos puros, usados com sujeitos, e pacientes idênticos.

24. A falta, que temos, de verbos passivos, supre-se de dois modos: 1.º, usando dos verbos *Ser* e *Estar* com os participios passivos: v.g.: *seu amado, estou ferido*. "Foi tido por honra, o riqueza, ter muitos amigos (*Hist. Pinto da Verdade Aniz. c. 4.*)": "Por ser justo, e devido o dever-se guardar tal modo (*Hist. das Hastr. Var. de Tavora, folhos 103.*)".

25. O 2º modo de suprir a falta dos verbos passivos é ajuntar o caso se aos sujeitos da terceira pessoa que não podem fazer a ação em si mesmos: v.g.: "cor tam-se árvores; tecem-se sédas; edificam-se edifícios (Lusitanas, 10, 130); Feste sem comer não se festeja (Cruz, Páis, f. 66); Quan to se tem se val"; quanto haver se tem, tanto valor se val (Caminha Epist., 5) Vê-se, pareceido (8). "Deve quer quo só a él se ame ninguem se deve unir, se não a um Senhor tão poderoso (Paiva, Scrini., 1)".

26. Em tais casos seríamos equivocar apassivar os verbos, quando o sujeito poderia fazer a ação em si mesmo v.g.: já se estendem por terra muitas, por sôo estendidos com golpes; um se matou, por fôi morto estiveram os vizinhos, por

caticorom-se muitos, porque eram cativos (Pinto Pereira, L. 1, c. 22, L. 2, f. 59). Outras vezes é semi-equívoco: vg.: "Palos, onde os homens Venus, e Amor com sacrifícios", por sâo honrados; e "Verus esquecerem-se Gregas, e Romanos pelos feitos, que hão de fazer os vossos Lusitanos" por serem esquecidos (V. Lusitadas, 2, 44). Isto é bem quando os sujeitos não consumam fazer ação a si mesmos.

27. Talvez damos ao sujeito uma ação que ele não pode exercer em si mesmo v.g.: Em terra estranha, alheia muitos os ossos para sempre sepultaram (*Lusitânia*)

das, 5, 81). "E os que neste sentido o acompanharam. Os membros em penhascos transformaram" (Ursséia, 5, 91). Aqui o sentido não padece dúvida.

28. Os gramáticos chamam ao verbo *Ser* substantivo, porque a él se juntam todos os atributivos, e ainda nomes usados compreensivamente, ou atributivamente (9): v.g.: *ser amado, ferido, amante, "A ser rasso, Senhora, me condena"* (Camões). "O campo ensina *ser justo os pequenos*" (Ferreira, tom. 2, f. 101). "Tudo é suspeito, e pouco seguro para as mulheres, até a *serem virtuosas*". (*Menin e Mûç*, L. 2, e. 2) "O vos que Amor obriga a ser sujeitas a diversas vontades" (Camões, Soneto 1). "A troco de ser senhora" (Camões). "Depuseram Málaca de ser cidade" (F. Mendes Pinto, cap. 219). De todas as palavras, que

de todas as paixões, contém uma noção atributiva, própria, ou figuradamente, se derivam verbos: v.g.: de *Platão*, *Platonizar*, pensar como Platão; *Em-zomperísmo* de *Zanperiño* (disse o autor da elegantíssima *Sátira do Entrudo*); de *Justica*, *justiciar*; de *avante*, *avantear*. Temos alguns verbos frequentativos: v.g.: *batucar*, *joguetar*, *sapetejar*; outros diminutivos: *cukicuar*, *moticuar*, *charomigar*, *beberrilar*, de comum uso, no estilo familiar, ou chulo.

29. O verbo *Fazer* substitui-se aos ativos, e neutros, que não queremos repetir: v. g. "dão ames a riqueza como o faz o avaro"; "cavam no mar, e assim o fizeram outros"; nestas frases o refere-se aos infinitivos *ouvir*, *cavar*, calados por elipse.

30. Os verbos têm variações acomodadas aos tempos, épocas em que o atributo coexiste, coexistiu, ou ha de coexistir com o sujeito: v.g.: eu escrevo, sou amante, eu escrevi, fui amante; eu escreverei, seré amante. Estas três épocas do presente, em que escrevo, ou amo do passado, em que escrevi, ou amei; do futuro, em que escreverei, ou amerei, são simples na figura dos verbos, e abso-lutas no sentido.

31. Outras variações do verbo indicam épocas relativas; i. e., de um atributo presente, e atual, em época passada; v. d.: *eu escrevia*, *lia ontem*; e de um atributo, que existiu em época passada; v.g.: *já era lera*, *escrevera*, quando tu *chegaste*. Estas variações relativas também se declaram no português por uma figura simples dos verbos: v.g.: *lia*, *amava*, *lera*, *amara*, *canta* etc.

32. Talvez queremos declarar mais o estado da ação significada pelo verbo; i. é: se era *imperfeita*, *incompleta*; o usamos de verbos *Estar* com os participios da

presente; v.g.: estou escrevendo, lendo; estava, estive, silvano, estarei lendo, escrevendo; ou se era já acabada, perfeita, completa tínhamos dos verbos ativos possessão *Ter*, e *Haver*, e dos supinos: v.g.: tenho ou hei lido, escrito; tinha, ou havia lido, escrito etc. "e consigo trará a formosa dama, que Amor por grâ m-a-e-lho terá dado." (Lus.) A razão disto é, porque tanto monta afirmar, que a ação; ou atributo verbal existe no sujeito, como que ele o possua; que por analogia assim possuimos um vestido, como uma qualidade abstrata, o amor, ou amar, que são o mesmo; o amado, lido, que são o amar, e ler completos, acabados, perfeitos; os quais amar, e ler atributos encréticos, podem ter um paciente v.g.: tenho lido livros, amado vários objetos (10); e apassivar-se com se; v.g.:

comido-se lido-se, dançando-se, hem como ler-se, dancar-se, comer-se, beber-se; e tendo-se os livros, dando-se minuteces, comendo-se comidas gulosas, bebendo vinhos puros etc.

33. Com semelhantes combinações do verbo *Estar* com os participios do presente; e de *Ter*, ou *Having* com os supinos indicamos a imperfeição, ou o acabamento da ação, ou atributo verbal no subjuntivo: v. g.: quo eu *estejá*, ou *estivesse lendo*; so eu *estivesse lendo*, quo eu *baja*, ou *tenha lido*; quo eu *houvesse*, ou *tivesse lido*; como eu *houver*, ou *tiver lido*.

34. Nos infinitivos dizemos *estar lendo*; *ter ou haver*, etc., *tensão*, ou *necessidade de ter, ter ou haver* *lidado*; i. é, ligão feita.

35. Todas estas variações verbais se verão nas tábous, ou exemplares das conjugações dos verbos, que vão no fim desta obra, para se consultarem, quando for necessário; pois os que estudarem esta Gramática já as saberão por uso. Ai mesmo se acharão os verbos *irregulares*, que se desviam de exemplar; e a regra analógica de conjugar; e os *defectivos*, a que faltam alguns tempos, ou variações pessoais.

36. Os verbos *Estar*, *Ser*, *Ter*, *Haver*, que ajudam a formar tempos *imperfeitos*, e *perfetos* chamam-se *Auxiliares*, e tanto vale dizer que o sujeito existe acompanhado, ou modificado por um atributo, como dizer que o sujeito o possui; assim amo, sou amante, estou amando, tenho e atributo amar, tenho amor, tudo vem ao mesmo sentido (11).

37. O verbo *Ser*, quando afirma atributos imudáveis, usa-se ao presente: é, v.g.: "Deus é infinito; o todo é maior que a parte; Camões é esotero" (12).

(1) — Os gregos têm um optativo próprio, que os latinos não

Vela-se a Grammatica General e Raisonnée, part. 4, cap. 11, n. 1, pag. 178. Os nossos antedictos referem-se ao modo substantivo variante dos verbos que se dão do modo indicativo: V. g. *vou amar*, *querer*, etc., *eu iria*, *eu intencionava*, *eu pensava*, *eu vivia*, como *irei*, *virei* de *hei* e *vir*; *eu me hei*, *ou traz-me proca* é dizer, *eu hei*, *hei* tensão d'indicativamente, *hei-ter* tensão d'indicativo; *par-mo-hás por far-me* é dizer, *tu tens o direito de mandar-me*, *tu tens o direito de mandar-me*. (V. Lélio, Orig., c. 193.)

(2) Quando dizemos: *Venha o teu Reino*; *sai feita a contadaria*; faltam os verbos do indicativo *pôr*, *regar*, *desejar*, que entende que seja feita o que põe que me ampare, ou que me proteja (Clement, L. 2, t. 2, pag. 17). Sólito os modos dos verbos que se dão a Short Introduction into the English Grammar, pag. 68 (Lond., 1794, n.º 7) e pag. 33 (n.º 4).

(3) Os infinitos puros, e pés,
são sujeitos de preposições
só regidas da preposições, e
por consequência, as palavras
que exprimem um objeto chama-
mos de modificadas por um artigo
possesso, ou por infinitos pes-
soais. Assim dizemos, V.g.: “O
serem fezias não as deve fazeiam
nolam”, onde o **serem** é sujeito
precedido do artigo; e é sujeito
do verbo **deve**. Temos em dife-
rentes idiomas, para indirem-
entemente, V. Alten. (Couto):
“**o** acciote do **tantaram**,
similmente regido da preposi-
ção, porque que dizerem e fa-
zermos não se temem noster e di-
funtos, os infinitos modificados, por
quele, e seu. Deinde se vó que
estas palavras prevalecer o ca-
tefor de substantivos, ou qual-
quer que seja sujeitos de preposições
ou regidas pelas preposições. E de-
ixem, porém, que os artigos que
se lhes antecipam concordam no
singular ou plural; como com os
infinitos, mas os atributos necessi-
tados dos infinitos, pessoa e
concordam com a pessoa, ou per-
sona, a que se refers o atributo;

V.g.: “Transeuntes de honrados
e de gente de armas; e querer-
se ser tidos por esses”; i.e.,
precunhados de ser homens hon-
rados etc., onde honrados conce-
de modifinando o infinitivo com
o nome nôs; e assim tidos jun-
to a ser: “O **serem** fezias: O ser de
nos famosos alion preso, etc. I. 4
V. 6, o **serem** las fezias; o ser el
preso”. Assim mesmo no latim
usavam dos **suis** infinitivos:
“Nam **uid** ipsum non esse, cum
queris, miserum potu! Cleon
Questet. Tuscum! L. I. n. 12
E Horacio disse: nescies uti; me-
metu contingeret: recitare times-
tim; cuipari possint; pigrer
bendi ferre laborem; etc. (V.
Soeverim do Faro, Discurso 2º
pag. 65, ult. edicç., 1791).

(4) Os nossos maiores usavam
também palavras em **ante**, **ente**, **inte**,
e **com** do participios: a manei-
tas latinos, V.g.: “Em **Candido**,
D. José Afonso, temendo (po-
temendo) minha morte” (**M**e-
narginha Lus. 1, 5. f. 20, v.)
“Romperem e alvez das muihui-
(Nobiliss., da Conde, f. 3). Ca-
mara, 1791, pag. 100, 101, 102, 103,

mes disse: "as perlas imitantes
a da coroa" e Ferreira: "A
aguia mais voante, t. 2, fol. 118".
(3) Na Cron. ant. de Condessa-
tável, Cap. 9, n. 10, 12, 15, 59 e 83;
na Monarca à Luz, t. 8, f. 5, 509
e 512; em Fernão Lopes, Gran. de
D. João I, e Canções, tom. IV,
pag. 54 e 55, edit. de 1783, Ubi-
scis, 7º, 13º e 15º vêm os ge-
rundios com preposições mal fre-
quentemente, à iniciativa do que
se usa nas línguas francesa, y-
g.; em riant, tout en jouant; a na
inglesa, v.g.: in acting, em re-
presentando; in raising em exi-
stanto. (V. Spectator, p. 1.190)
Animus é considerado liber; o
de Salustio, Bell. Catil., o
falta de Catto, o V. Tertius.
André, act. IV, v. 32, "in parlano-
do". Na língua inglesa o ge-
rundo serve de sujeito de pro-
positões acompanhado de or-
to the: "the making of war"; o

fazendo, ou fazer da guerra (*Spectator*, n. 13). Nós dizemos a semelhantemente: "E abendou Elas que me hão de achar consigo quando menos o esperarem, bastará para a andarem espertas"; entendendo elles está como o sabevam Elas; bastará para Elas, e, gerundo personalizado por sujeito do verbo (*Souza*, V. 80; *Arceb.*, Lobo, Cort. *Diálog.* 9, 176) "porque nomeando estas palavras diante das mulheres não é cortesia" (*V. a Ordenac.*, L. 4, T. 100, l. 3^o). "E que portanto ajuntando-se as duas casas, e mergulhas em uma

será causa, etc.
Barroso, Gram., pag. 12 de
la parte de los ejemplos. Tomo
dos entre los más notables:
que se reunieron un personaje
en su casa y V.R. "en su
casa en la señora".
Asimismo, el mismo
personaje en su casa.
Así como, cuando perso-
najes o instituciones
se reúnen.

"para nos mediam os nomes
"para tu cañón; pero te ve-
"por el díaz; la verme.
"Acá yá dos adjativos va-
"en arte, ente, inte. De par-
"cipios, pertinencias e supinos ve-
"se en las notas de Durles, el
"almanaque Général et Raiso-
"nnaire, part. 2, cap. 201 e 202. El al-
"manaque, part. 2, cap. 1, has-
"ta edit. de 1870, a Gendive, Do-
"cimientos e supinos direi más
"buenas das Conjugaciones en una
"Gramática.

(6) Então é incorreto dizer de
que na segunda pessoa do si-
nificado de "Pense" o verbo

art. v.g.: "Porque é vos porto séres bons", por serdes, da Costa, *Término Heautontemps*, 2, 20, 4, p. 67). Outros díam mal séries, vereis, buscareis, e serder, buscardes. Negar, porém, que em infinitivos portugueses tenham propriamente variações em pesos, ou sejam pesos, negar a existência do que se, e nasce de se não considerar que o essencial ao verbo, e o dele se vão derivando mundo complexas em quanto ao sentido, que representam por si sós, mas podem significar outros elementos, ou partidas. Exemplo: v.g.: em tu saíndo te equividei no saíres, à tua saída; bem como amo a eu sou nante; onde amo significa, sinteticamente, o mesmo que mal-querem em saír palavra eu sou nante. (V. Severim, *Discursos*, pag. 65, tom. 3, edição de 1850). O que não pode representar-se sendo por outro verbo, é afirmativo, que por isso se refere entre os melhores gramáticos por o caráter essencial do verbo, ou palavra por excelência, porque ele só às vezes constitui uma sentença perfeita. V. Hermès, pag. 104. Grammaire Générale et Raisonnée, t. 2, chap. II. Condillac diz que os verbos afirmativos, que podemos fazer proposições negativas; mas não admite que o não dicta o atributo anexo ao verbo; eu não amo e eu não sinto-amante; o verbo sempre exprime o atributo mais privado, e a existência privada, e é acompanhado de outros atributos pelo meio do adv. não, que se torna um adjetivo atributivo, nome usado attributivamente. Não fiquei, homem = fiquei como homem; como Young disse em inglês: *I was undone, I was unmanhooded*; Eu fui desfeito do seu homem. Os adverbios afetam o atributo verbal; cu não minterá dizer: eu sou, existe não entendo, não temos, sou sem teor, sou impavidos. V. Grammaire générale et Raisonnée, pag. 541. O verbo é donc le signe de existência, etc. Condillac, Grammaire, pag. 90. V. aqui o cap. dos Adverbios.

67). Assim dizemos deer-se de
qualquer parte, ou causa, por
ex.: magoar-se, por dizer mi-
serável; não é impróprio dizer: "a
vezinha se **caiu** morta, ou mor-
reu" (V. Men. e Moga I. 9 e 3); nemhuma destas agções
é espontânea. Finsou-se, acabou,
porque finar é ativar, acabar, pos-
se que antinuado: "**adormeçei-me**" é igualmente impróprio,
quando alguém não se agi-
tou, ou fez alguma diligência por
dormecer-se: "este menino ador-
meceu-se, cantando ele mesmo". O
breve: "Eu te **fico**" tem diver-
so sentido, e é: "te faço ficar",
segurador, ou me obriga; que
sem se faga"; onde te é termo,
omo lhe em: "tudo lhe **sucedeu**"; aconteceu-se é igualmente
impróprio, posto que é causar
e morrer-se, e os semelhantes se
cham os bons autores imitam-
os na castelhana.

(5) Quando os verbos se apanhavam de qualquer dos dois modos, os sujeitos concordam com o verbo em número e pessoa; quando se sujeitos infinitivos apascentados, os verbos da sentença tomam só singular. Assim diremos: *vém-se homens*, com isto iatmos homens, e não *vêm-nos homens*; porque homens é paciente sujeito; e qual será o sujeito, sem que não se dê sentença perfeita? *"Os progressos foram, qual deve esperar?"*; é erro, devendo ser: *qual se deviam esperar*, ou

O REI CIDADÃO ... UMA CRIADA CONDECORADA

MORAIS SILVA

Os soberanos não reis
nam absolutos, senão e, tornando os reis dos
quando estribam o seu cavalo, prosseguiu:

poter no coração dos
vassalos. E qual é na donzela; vamos, que ou
verdade o seu melhor vos acompanho, para ver
domínio? O amor deles, essa mãe que tanto
Então e o monarca viva amais.

— Ah! senhor! — dis-
se a moça — amo-a de
coração, e quem

doçilidade. Então se re-
cebem com gosto as su-
as leis, e assim se ex-
ecutam, porque os vas-
salos fazem por adivi-
nhar-lhe os pensamen-
tos.

Os reis são como os
pais rodeados de filhos
solicitos em mostrar-
thes a submissão, que
nunca é verdadeira sem
o consório da ternura.
Nisto nada mais faze-
mos do que dar uma
idéia dos sentimentos
que animam um dos so-
beranos mais respeitá-
veis da Europa.

El-Rei da Suécia ale-
gra-se com ver o seu po-
vo, a ser visto dêle, e
por isso recebe cada dia
acatamentos superiores
ao respeito servil que a
falsa grandeza costuma
extorquir ao temor, tri-
buto pouco lisonjeiro,
pago antes ao lugar que
à pessoa.

Gustavo III, despre-
zando a pompa fastosa
que tem por alheia do
set de homem, atravessa-
va uma aldeia desco-
nhecida em figura de um
simples viajante, cuja
modestia lisonjia dava
medícos de vestir uma
alma ainda mais nobre.
E vendo uma rapariga
do campo tirando água
da fonte, com tantas gra-
ças e candura que lhe
prendeua a atenção, pe-
diu-lhe água para beber.

— Com todo o cora-
ção lha darei, tornou
ela; mas não me demo-
te maio, que minha mãe
há mister de mim; e to-
da a pressa é pouco para
tornar a ela.

— Tendes mãe? — pergunta o príncipe.

— Sim, senhor, tenho
essa dita; mas é pobre
e neste mundo não tem
outrem que a console se-
não eu.

— E onde morais vós? — continuou o príncipe.

— Lá em baixo — re-
plicou a donzela.

— Aonde? naquela nuou o príncipe, aceitar

— Aquela é, replicou minha estimada.

a donzela, a nossa habi-

Nisto apeou-se el-Rei, nha mãu. E logo lhe foi para as almas sensíveis soas virtuosas. Quantos
o terem de celebrar se-
criados não se atervora-

Gustavo, que podeis re-
ceber esse dinheiro sem é tâda cheia de ações pode recompensar a vir-

perigo de vossa honesti-
dade; eu tenho direito leitor que substituimos ticiente para este fim, é

de vos beneficiar, sou o aqui os encômios, com a estimação pública, é

desdorito nosso e de soldada que recebe a vir-

tude.

— Ah! senhor! — exclama quem os recebe. Torna-

velha ia-se lançar aos sismos, aqui damos a

pés de Gustavo, onde a Gustavo o puro e livre

denzela estava já de joe-

iam já chegando à sua lhos, mas o monarca,

humilde cabana, onde correndo onde a velha

Gustavo entrou junta-
mente com ela, e, ouvin-

— Deixai-vos estar, mi-

nha mãe; sim, eu, con-

tinou o príncipe cho-

rando, sou vosso Rei...
vosso pai, e vos darei

— Minha mãe, aqui está um senhor a quem proveas da minha com-

dei de beber e que vem paixão. E falando com

— O príncipe estava já

compadecido à vista da tar de vossa mãe, e, logo

palhoça, que era o asilo abraçando a velha, con-

da mesma pobreza, mas clui:

— Adeus, minha boa

— Continuai em tra-

paixão, quando viu uma mãe. Minhas amigas,

pobre velha oprimida de vós "fizestes-me" gos-

doenças. Lançada sobre tar o "prazer" de ser

vma pouca de palha e Rei; inda bem que vos

bradou:

— Ah! pobre mãe! to que chegou a Estocol-

quanta lástima me cau-
mo mandou dar àquelas

sais!

— Ai, senhor, tornou

são vitalícia, com sobre-

a velha, muito mais de-
plorável seria o meu des-

cresse a outra em dias.

tino, se eu não tivesse

E constando-lhe, de-

esta querida filha, que pois, que havia na aldeia

faz todas as diligências um lavrador mancebo,

por mitigá-lo. Podereis que era afeiçoado à don-

cer que ela leva dias e zela, mandou-lhe come-

noites a trabalhar, e que ter que casasse com él,

com o seu trabalho me acrescentando ao pri-

alimenta? Deus a aben-

ço, e lhe pague, acres-

centou a velha choran-

do.

— Oh! que excelente

sua mãe, de quem trata

filha! exclamou então com todo o cuidado,

el-Rei chorando. E que-

reis vir, querida filha, família, a cada instante,

para Estocolmo? Eu vos o seu hon Rei, que as-

dorarei lá, e vos casa-

rei.

— Ah! senhor. Eu título não equivale bem

não deixaria minha mãe

ainda que fosse ir ser

rainha.

— Ora bem, estimável

donzela, replicou el-

Rei. Já que não quereis

sair daqui, nem apartar-

vos de quem vos deu o

tos, sabei distribuir me-

ser, cumpre-me recom-

pensar a vossa virtude.

Aqui tendes esta bolsa...

— Dinheiro? — tor-

nou a donzela. Minha

mãe quer que o aceite?

— Não receies, conti-

dai todos os vossos en-

cômicos. O Rei cidadão

esta fraca mostra de

é que é o príncipe dos

monarcas.

E ela ajuntou:

— Seja embora para mi-

ciosa embriaguez não é

para logo infinitas pes-

Nisto apeou-se el-Rei, nha mãu. E logo lhe foi para as almas sensíveis soas virtuosas. Quantos
o terem de celebrar se-
criados não se atervora-

Gustavo, que podeis re-
ceber esse dinheiro sem é tâda cheia de ações pode recompensar a vir-

perigo de vossa honesti-
dade; eu tenho direito leitor que substituimos ticiente para este fim, é

de vos beneficiar, sou o aqui os encômios, com a estimação pública, é

desdorito nosso e de soldada que recebe a vir-

tude.

— O nosso Rei! — exclama quem os recebe. Torna-

velha ia-se lançar aos sismos, aqui damos a

pés de Gustavo, onde a Gustavo o puro e livre

denzela estava já de joe-

iam já chegando à sua lhos, mas o monarca,

humilde cabana, onde correndo onde a velha

Gustavo entrou junta-
mente com ela, e, ouvin-

— Deixai-vos estar, mi-

nha mãe; sim, eu, con-

tinou o príncipe cho-

rando, sou vosso Rei...
vosso pai, e vos darei

— Minha mãe, aqui está um senhor a quem proveas da minha com-

dei de beber e que vem paixão. E falando com

— O príncipe estava já

compadecido à vista da tar de vossa mãe, e, logo

palhoça, que era o asilo abraçando a velha, con-

da mesma pobreza, mas clui:

— Adeus, minha boa

— Continuai em tra-

paixão, quando viu uma mãe. Minhas amigas,

pobre velha oprimida de vós "fizestes-me" gos-

doenças. Lançada sobre tar o "prazer" de ser

vma pouca de palha e Rei; inda bem que vos

bradou:

— Ah! pobre mãe! to que chegou a Estocol-

quanta lástima me cau-
mo mandou dar àquelas

sais!

— Ai, senhor, tornou

são vitalícia, com sobre-

a velha, muito mais de-
plorável seria o meu des-

cresse a outra em dias.

tino, se eu não tivesse

E constando-lhe, de-

esta querida filha, que pois, que havia na aldeia

faz todas as diligências um lavrador mancebo,

por mitigá-lo. Podereis que era afeiçoado à don-

cer que ela leva dias e zela, mandou-lhe come-

noites a trabalhar, e que ter que casasse com él,

com o seu trabalho me acrescentando ao pri-

alimenta? Deus a aben-

ço, e lhe pague, acres-

centou a velha choran-

do.

— Oh! que excelente

sua mãe, de quem trata

filha! exclamou então com todo o cuidado,

el-Rei chorando. E que-

reis vir, querida filha, família, a cada instante,

para Estocolmo? Eu vos o seu hon Rei, que as-

dorarei lá, e vos casa-

rei.

— Ah! senhor. Eu título não equivale bem

não deixaria minha mãe

ainda que fosse ir ser

rainha.

— Ora bem, estimável

donzela, replicou el-

Rei. Já que não quereis

sair daqui, nem apartar-

vos de quem vos deu o

tos, sabei distribuir me-

ser, cumpre-me recom-

pensar a vossa virtude.

Aqui tendes esta bolsa...

— Dinheiro? — tor-

nou a donzela. Minha

mãe quer que o aceite?

— Não receies, conti-

dai todos os vossos en-

cômicos. O Rei cidadão

esta fraca mostra de

é que é o príncipe dos

monarcas.

E ela ajuntou:

— Seja embora para mi-

ciosa embriaguez não é

para logo infinitas pes-

Nisto apeou-se el-Rei, nha mãu. E logo lhe foi para as almas sensíveis soas virtuosas. Quantos
o terem de celebrar se-
criados não se atervora-

Gustavo, que podeis re-
ceber esse dinheiro sem é tâda cheia de ações pode recompensar a vir-

perigo de vossa honesti-
dade; eu tenho direito leitor que substituimos ticiente para este fim, é

de vos beneficiar, sou o aqui os encômios, com a estimação pública, é

desdorito nosso e de soldada que recebe a vir-

tude.

Pegou fogo em casa

de um mercante de Es-
trasburgo e um soldado,

a risco de sua vida, rompeu pelas chamas, vai-lhe buscar seu filho, tira-o das garras da mor-

te que o ameaçava, e ven-

“trazê-lo” à mãe, que exclamou oferecendo di-

pôsto, que necessitasse do seu serviço, não a podia manter e assalaria

em “razão” de suas pou-
cas faculdades. Mas o

desinteresse e compaixão
desta boa criada ti-
raram a ama do enleio

em que se via, e, não querendo nunca deixá-la, lhe disse:

— Senhora, eu lhe fa-
rei o serviço de casa, não quero ser-lhe pesa-

da; nas minhas horas vagas trabalharei para

me manter, para o que hei mister tão pouco, que ainda me há de so-

brar tempo”.

Esta ação chegou à notícia de el-Rei, e o so-
berano mandou dar à criada uma boa porção de

dinheiro, parecendo-lhe que amor tão desinte-
ressado merecia melhor

prêmio, enviou-lhe a medalha de ouro de Gustavo Vasa, e a criada foi condecorada com ela em grande e lustrosa cerimônia nos paços do con-

celho, onde concorreram todos os principais mo-
tadores da capital. A

môça apareceu ali com tre redobradas aclamações dos assistentes. En-
tretanto, manavam dos olhos da criada lágrimas

de prazer, e acabada a função tornou para a casa de sua ama, com quem se acha, servindo-

o com o zelo e afeto que lhe granjearam aquela honra.

Nunca se repetirá so-
bre a alma de criada alguma que não basta pu-

rir a vaidade dos dadores que não cuide o tude? O dinheiro é insuf-

iciente para este fim, é de vos beneficiar, sou o aqui os encômios, com a estimação pública, é

desdorito nosso e de soldada que recebe a vir-

tude.

(Das “Recr. de um homen sensível”)

Estante Clássica da

“Revista de Língua Portuguesa” — Vol. V

— Morais — Agosto —

1921).

Estande Clássica da

“Revista de Língua Portuguesa” — Vol. V

— Morais — Agosto —

1921).

Estande Clássica da

“Revista de Língua Portuguesa” — Vol. V

— Morais — Agosto —

1921).

Estande Clássica da

“Revista de Língua Portuguesa” — Vol. V

— Morais — Agosto —

1921).

Estande Clássica da

“Revista de Língua Portuguesa” — Vol. V

— Morais — Agosto —

1921).

Estande Clássica da

“Revista de Língua Portuguesa” — Vol. V

— Morais

A VIDA NA ACADEMIA EM 1944

Ao concluir o seu mandato presidencial, que correspondeu ao ano de 1944, o Sr. Mário Leão apresentou à Academia Brasileira de Letras o seguinte relatório de sua gestão:

"Senhores Acadêmicos — Ao iniciar, de acordo com o que estabelece o nosso Regimento Interno, este Relatório, desejo, mais uma vez, meus caros colegas, agradecer a boa vontade e a confiança com que sempre me distinguísteis. Agora mesmo, ao findar o período presidencial de 1944, vejo-me encarregado de duas novas atribuições: a de ir trabalhar na Comissão de Contas, onde terrei o convívio de Ataulfo de Paiva e Claudio de Sousa, dois companheiros que muito estimo, e a de ser o primeiro diretor do Arquivo, cargo de nossa diretoria sómente agora criado. Deixai que vos diga que o Arquivo me parece ser, hoje, o recanto da nossa casa que maior cuidado nos deve merecer. Representa, por si só, um patrimônio de valor inestimável, encerrando relíquias de todos os nossos grandes antecessores. Será a glória de qualquer de nós, será a glória de toda a corporação, conseguir dotá-lo de uma organização perfeita, e iniciar, do mesmo passo, a publicação daquilo que imaginei poderia chamar-se Arquivo Acadêmico, uma espécie de revista do mais alto nível cultural, uma revista que, aparecendo duas ou três vezes por ano, traga em suas páginas a reprodução desses inúmeros autógrafos, dessas inúmeras fotografias, a cópia de todas essas cartas, de todos esses inéditos, que enchem, hoje, de mancira confusa e indistinta, as nossas gavetas.

Apixonado como sou da nossa Arquivo, tentei, nos primeiros meses de minha administração, dar-lhe ordem e sistema. Para isso, solicitei de D. Inês Correia de Araújo, reconhecidamente a maior autoridade brasileira em assuntos de arquivologia, uma pessoa que pudesse tomar a seu cargo o precioso serviço. Aqui tivemos, trabalhando connosco durante meses, a funcionária que D. Inês Correia de Araújo nos indicou. Infelizmente, porém, o trabalho não pôde ser feito ao ritmo que lhe pretendíamos imprimir, e teve de ficar interrompido. Esperamos poder dar-lhe oportunamente nova realização.

Para o arquivo, este ano, foram feitas várias ofertas de grande valor, contudo entre estas uma esplêndida coleção de autógrafos de Alberto de Oliveira, coleção que nos foi doada por Antônio de Oliveira e Luiz de Oliveira, o filho e o irmão do poeta. Viriato Correia ofereceu-nos outra preciosidade: uma coleção de cartas da Princesa Isabel e de outras figuras da família imperial.

Ainda podemos registrar outros presentes do mesmo gênero: o de um autógrafo dizer o presidente da Acad-

emia, dia a dia por ele informado dos passos que estava dando. Tanta pertinácia, tanto devotamento, tiveram em si a sua esplêndida recompensa: o Sr. Presidente da República, o nosso eminente confrade Getúlio Vargas, assinou, em dia deste mês, o decreto que nos concede uma nova área de terreno de vinte metros de frente por trinta e tantos de fundo, área contígua à nossa área atual. Assim, a Academia consegue incorporar ao seu patrimônio um novo terreno de valor considerável. Isto vai permitir à instituição realizar um velho sonho de tantos acadêmicos: a construção de um prédio de grandes proporções, prédio que, servindo de casa para nossa sede, sirva também como uma extensa fonte de renda para a casa.

REMODELACAO DA SECRETARIA

Em data de 24 de Abril, realizámos uma sessão em que, de acordo com a sugestão da diretoria, ficaram apresentadas as seguintes deliberações: por proposta do Sr. Pedro Calmon, fôsse o Sr. Hilton Fortuna, oficial da Tesouraria, apresentado com os vencimentos de Cr\$ 900,00 mensais; por proposta do Sr. Levi Carneiro, ficasse a mesa autorizada a reformar, dentro do orçamento vigente, o quadro dos funcionários da casa.

De acordo com essas resoluções, foi o Sr. Hilton Fortuna apresentado. Para o lugar de oficial da Tesouraria foi nomeado o Sr. João Carlos de Almeida, coletor em disponibilidade da 1.^a Coletoria Federal de Nitro.

COMPARECIMENTO DO SR. GETULIO VARGAS

Compre-me fazer aqui o registro do primeiro comparecimento do Sr. Getúlio Vargas às nossas sessões habituais das Quintas-letras. Aqui esteve este nosso eminente colega, pela primeira vez depois de empousado, na sessão de 31 de Agosto. Tomou parte nos debates que se travaram, e que versavam acerca das reconstruções almejadas pela Academia. Foi de sua autoria a proposta que prevaleceu no encaminhamento da discussão, proposta mediante a qual o plenário aprovou a ideia da construção de um novo edifício na rua do Ouvidor.

O TERRENO DA AVENIDA PRESIDENTE WILSON

Ao dar inicio às atividades de 1944, a mesa da Academia resolveu pedir ao Governo da República um acréscimo de terreno à Avenida Presidente Wilson. Para isso constituiu seu representante perante as autoridades públicas o nosso querido colega Ataulfo de Paiva. O que foi o esforço, o que foi o amor, com que esse nosso companheiro se entregou à tarefa de que estava incumbido, sómente o poderá

compreender quem saiu a sua esplêndida recompensa: o Sr. Presidente da República,

o nosso eminente confrade Getúlio Vargas, assinou, em dia deste mês, o decreto que nos concede uma nova área de terreno de vinte metros de

frente por trinta e tantos de fundo, área contígua à nossa área atual.

Assim, a Academia consegue incorporar ao seu patrimônio um novo terreno de valor considerável. Isto vai permitir à instituição realizar um velho sonho de tantos acadêmicos: a construção de um prédio de grandes proporções, prédio que, servindo de casa para nossa sede, sirva também como uma extensa fonte de renda para a casa.

A fim de proceder aos estudos prévios para a construção desse prédio, ficou constituída uma comissão composta dos nossos colegas Ataulfo de Paiva, Claudio de Sousa e Pedro Calmon.

Não é sómente esse edifício da Avenida Presidente Wilson que o temos neste momento em caminho de construção. Em S. Paulo, possuímos um velho, quase impraticável prédio de três andares, num terreno valoríssimo da rua Libero Badaró: já estamos de posse de uma bela planta estudada para nova construção ali; e em tal terreno, daqui a pouco, deverá

possuir a Academia um edifício de vinte andares. Continuando esse mesmo programa, estudamos ainda o levantamento de um prédio de dez ou doze andares na rua do Ouvidor, nesta cidade, no local em que hoje tem sede a Livraria Francisco Alves.

Estão ai três indícios do grande progresso material que a nossa instituição tem atingido nos últimos tempos. Essas obras, tudo o indica, têm a maior significância para o futuro da Academia. Quando tais fontes de receita estiverem em pleno funcionamento, a nossa instituição poderá ampliar prestigiosamente o seu âmbito de realizações práticas.

Insistirei sempre em vos afirmar que a Academia precisa de instituir os grandes prêmios nacionais, prêmios que possam valer no Brasil como legítimas recompensas para os que trabalham no mundo literário. E' urgente que possamos distribuir, cada ano, dois, três, cinco prêmios de real significância, prêmios de coroação de obras, prêmios de cinquenta, de cento mil cruzados. Insistirei sempre em mostrar que precisamos traçar um vasto programa para a publicação das grandes obras dos autores brasileiros, das grandes obras que pertencem ao passado e que precisem de ser difundidas entre os leitores dos tempos atuais. Nesse sentido não sei como possamos dignamente louvar a Comissão de Publicações, a cujos devotados esforços já devemos tantas

obras fundamentais de nossa cultura literária e histórica voltados para a nossa Biblioteca e para o nosso Arquivo, dois departamentos da maior importância em nosso grêmio, dois departamentos que, entretanto, ainda não se encontram convenientemente organizados.

Outro ponto sobre o qual desejo ainda fazer um reparo é, se assim nos podemos expressar, o das utilidades sociais, senão humanitárias, da Academia. Quando estivermos com esses vários prédios em funcionando, poderemos, cada ano, destinar uma verba ao amparo de tantos escritores caídos em necessidade, ao amparo de tantas famílias de escritores desgraçados, que morreram deixando, mulher e filhos na indigência. E certo que já possuímos uma série de pensionistas da Academia. Mas o número destas, que está em correspondência com as nossas posses atuais, deverá, a meu sentir, ser muito ampliado, bem como deverão ser bem aumentadas as pensões que hoje distribuimos.

E' para a execução desse vasto programa que todos nós, acadêmicos, devemos estar juntos e solidários. Não haverá, aqui dentro, vozes divergentes, quero crer. As que aí estiverem, fôssem estariam contribuindo para a própria Academia. Nesse ponto só o futuro nos dirá se eu tenho ou não razão...

A QUESTAO ORTOGRAFICA

No ano que está a expirar, tivemos, mais uma vez, agitação dentro da Academia, uma questão de grande monta — a questão ortográfica. Chegou o Governo da República, pot

intermédio do seu órgão competente — o Ministério da Educação — à verificação de que o acordo ortográfico assinado com Portugal não estava perfeito, e concluiu que era necessário enviar aquele país, para um entendimento final com a Academia das Ciências de Lisboa, uma comissão da nossa Academia. Entendeu-se, nesse sentido, com a Diretoria da casa, e esta designou para constituir tal comissão os Srs. Rodolfo Garcia, Barbosa Lima Sobrinho e Olegário Mariano, sendo incorporado à mesma, por proposta do último desses acadêmicos, o nome do presidente da instituição. Estava a comissão pronta para partir para Portugal; mas sobrevieram outros acontecimentos, do conhecimento dos Srs. Acadêmicos, e ela deixou de seguir.

O Vocabulário da Academia, porém, está reconhecido oficialmente, por ato do Governo da República, datado de 1 de junho.

A GESTAO FINANCEIRA

Quanto à gestão financeira de 1944, cumpr-e-me apenas lembar a vossa atenção para a proposta de orçamento feita para o exercício a seguir. Ali vereis que, não obstante

os aumentos feitos em nossa cédula de presença, não obstante os aumentos de 10 e 20 por cento concedidos aos funcionários da casa, conseguimos realizar um saldo de 117 mil cruzados. Deveremos tão excelentes resultados — frisemo-lo com o nosso maior sentimento de gratidão — aos esforços da benemerita Comissão de Contas, a qual estudou com o mais desvelado carinho a renovação dos nossos contratos de aluguel, obtendo, em todos eles, as melhorias que a lei garante. Permiti-me lembrar aqui, particularmente, o inestimável valor da cooperação que em tal capítulo me deu o nosso eminente colega Cláudio de Sousa.

O NOVO PRESIDENTE DA ACADEMIA

E' assim, meus caros colegas, sob auspícios que nos parecem ótimos, que entregamos à mesa eleita para o exercício de 1945 os encargos e as responsabilidades complexíssimas da direção da nossa instituição. E' com satisfação que vejo à frente da nova diretoria uma figura como a de Pedro Calmon, homem raro, dotado de tanta iniciativa, de tanta força de vontade. Nele tive, sempre, durante os longos anos em que já temos trabalhado juntos, um colaborador eficaz, um amigo sem igual. Ao passar-lhe a presidência da Academia, fôssemos confiantes em que ele, com a sua prudência, com o seu tacto, com o seu grande amor a esta casa, saberá trabalhar mais do que eu para o engrandecimento e o progresso da instituição que todos amamos tanto.

ANTONIO DE MORAES SILVA

(Conclusão da 5.^a pág.)

suímos no gênero; porque ainda não foi ultrapassada em clareza o senso nas definições, exemplares dos clássicos e cópia de termos do Brasil.

Antônio de Moraes recebeu perseguições da Inquisição em Portugal, emigrou para a Inglaterra, onde estudou a língua e a rica literatura do país. Isto foi-lhe de incalculável vantagem para a confecção do seu dicionário.

Além de alguns pequenos trabalhos, traduziu do inglês uma história de Portugal.

Os últimos anos de sua vida passou-os em Pernambuco, onde não quis tomar parte na revolução de 1817, apesar de honrado pelo governo republicano e nomeado para certos cargos.

Um lexicógrafo, como força intelectual, é uma força conservadora. Disciplinador e ortografista da língua num dado momento, como que a imobiliza um instante. Mas esse trabalho é conveniente, é indispensável. Os elementos dinâmicos da linguagem continuam sempre a sua ação e o progresso é assim sempre uma realidade. Não negaremos a Moraes Silva os louvores de que ele deve ser exigente. Nasceu em 1757 e faleceu no Recife nos 11 de abril de 1824. (1)

(Manual da História da Literatura Brasileira)

(1) Acerca disto escrever — veja-se o opúsculo recente de Peixoto da Costa sob o título — Notícia Bibliográfica do dr. Antônio de Moraes Silva, Recife, 1906.



DALZO — o romancista da Rougé — em comemoração ao seu aniversário de nascimento, já falecido. A fotografía é do tempo de muitos sete anos.

NOTA SÔBRE DALZO

"Dalzo" é o pseudônimo Conde de Rougé, teve a nos-
de uma poetisa brasileira, sa ilustra patrícia um filho,
de há muito radicada na Charles Armand de Rougé,
França. Trata-se da Con- Ao começo a presente guer-
dessa Ofélia de Rougé, espo- ra, era ele um rapaz de 20
sa do Conde Bonalies de anos. Sem demora, apresenta-
Rougé. - se ao exército, indo ser-

Nasceu ela no Rio de Janeiro, e é filha de Joaquim Designado para um setor perigoso, na ponte de Ana Correia da Costa e D. Château Tierry, opôs-se temendo a escravidão, e de sua natural beleza, encontraram forma literária quase perfeita. Dalzo, grande francês por aliança, não nasceu em nossa terra, não saiu de nossa raça; mas escreve num francês puríssimo, tão puro como a gola de orvalho, tão puro como "gota de lágrima, tão puro como a gota de sangue, tão puro como aquela que parece ignorar a sua pureza. Dalzo alegria sem o saber essa qualidade de escritor que faz enriquecer a gramática sem a enriquecer do artista que a serve das palavras como de cores para as ideias. Seu talento deve ter nascido no gosto pelo solitário, na febre da esperança. Contraria isso, as forças pervertidas dos solícitos nadam podem. A poesia de Dalzo é peculiar, e é original.

Transferindo-se para a Bonnefon, e a edição do libro foi da Société d'Éditions Mansi & Cie.

E' de "Printemps Ancien"

que extraímos os trabalhos de "Dalzo" que agora ilus-

tra seu casamento com o fram este págin

BIBLIOGRAFIA DE DALZO

"Printemps Ancien"
VIII — 67 páginas — Pre-
fácio de Jean de Bonnefon
— Société d'Éditions Mansi
& Cie. — Paris e Nice —
(s. d.)

DALZO, NA APRECIACAO DE JEAN DE BONNEFON

Esta coleção será mesmo um livro? E' menor e é melhor, e a expressão delicada de sentimentos que, à força de uma natural profundezas e de uma natural beleza, encontraram uma forma literária quase perfeita. Dalzo, grande francês por aliança, não nasceu em nossa terra, não saiu de nossa raça; mas escreve num francês puríssimo, tão puro como a gola de orvalho, tão puro como "gota de lágrima, tão puro como a gota de sangue, tão puro como aquela que parece ignorar a sua pureza. Dalzo alegria sem o saber essa qualidade de escritor que faz enriquecer a gramática sem a enriquecer do artista que a serve das palavras como de cores para as ideias. Seu talento deve ter nascido no gosto pelo solitário, na febre da esperança. Contraria isso, as forças pervertidas dos solícitos nadam podem. A poesia de Dalzo é peculiar, e é original.

(Trecho do prefácio de "Printemps Ancien").

Que le joyeux air désappris
Soit ma gerbe et soit ma prière
O mon amour, lorsque plus tard

je serai seul au cimetière,
Lentement, comme par hasard,
Viens passer sur la route immense...
Et que ta voix comme soleil
Puisez encor griser le sommeil
De moi, cœur rempli de silence!

LIBERATION

Afin de n'être plus l'esclave qui défaillait
Sous un trop lourd fardeau de pleurs, je m'en
irai.
De ma prison d'amour la porte s'entrebatte
J'ai brisé dans mon cœur la chaîne du regret.

Le vent qui seul faisait le tour de ma muraille
M'a parlé du chemin qui mène à la forêt,
Et pour que le courage aux yeux d'orgueil me
fasse.

Au moment de franchir le pont je chanterai:
Je vais donner mon âme ainsi qu'une offre
Au crépuscule aimé de l'aigle et du silence
Afin qu'il la guérisse avec son baume d'or

Et puis je gravirai la pente des montagnes
Et je m'en irai vivre en attendant la mort
Avec la solitude et l'ombre pour compagnes

RONDOS

"Personne ne comprend personne"
Comment parler et pourquoi faire?
L'enfant même est clos à la mort
Le regard qu'on chérit s'étonne...
Nul ne connaît nul sur la terre
Quoi donc toujours nous emprisonnent?

Même en s'aimant, quoiqu'on se donne
Chacun pour l'autre est un mystère...
"Personne ne comprend personne"
C'est sans remède et l'on frissonne!
Côte à côté, en toutes les crea.,
Les âmes restent étrangères
Puis l'on part seul quant l'heure sougne...

Nous sommes tous des solitaires
"Personne ne comprend personne"

CHANSON

Lorsque plus tard je serai morte
Viens chanter sur mon tombeau gris
Comme jadis contre ma porte

Le vertige de la jeunesse sur la mort

(Mme. de Mailles).

L'ATTENTE

Vous ne devrez venir un de ces jours sans doute,
Je rêve à la douceur de vos traits incomuns.
L'âme doré déjà les grands chemins... J'écoute
Vos pas mystérieux qui sont presque venus.

Mon ame de serviteur et d'ombre est une voûte
Où tous les mots de foi sans vous, se seraient tus.
Vos pieds se sont-ils donc blesrés de par la troupe?
J'étais dans mes cheveux défaits sur vos pieds ans

Et mon cœur chantera tout haut sa folle
fureur.
A Toi qui dois venir un jour de ma jeunesse
T'aurai-je donc aimé dans l'au-delà des temps

Pour que mon être épais te cherche sur la terre
Ainsi depuis toujours? Pèlerin du mystère
Vous qui devrez venir m'apporter le printemps,

Venez que vienne venir, venez, je vous attends!

II

Le temps passe, il est tard. L'automne s'assied
Sur le sol, et les
Tristes sous le bois morts seu âme de souffrance...
Mon cœur est maintenant comme un sonneur de

Qui ce sait même plus avoir d'impatience.
Mon aimé, mon aimé, que faites-vous? Là-bas
Est-il quelque prison qui vous garde en silence?
Le temps passe il fait noir... Ne viendrez-vous
(donc pas?)
Je me sens d'fatigue et de désespérance.

Bien d'autres vont passées par ici, les yeux
(doux...)
Mais que n'importe à moi ceux que ne sont pas
(vous?)
Tous ces matins j'espere et tous les soirs je
(doute)

Et espérerais les jours après les jours, s'en vont
Et je ne vois jamais au bout de l'horizon
Que le vel douloureux des rêves en découte
(Mon aimé, mon aimé, peut-être mort en route)

L'INCONNU

Au moment où l'ombre accompagne
Le pas tranquille du berger,
Mes soeurs, j'ai vu dans la montagne
Un étranger.

Il était beau, furtif et pâle
Comme ceux qu'on doit rencontrer:
Le simple bruit de sa sandale
Faisait réver.

Au moment de l'ombre incertaine
— Mes soeurs, n'avez-vous donc pas vu
Sur le chemin de la fontaine
Il est venu

J'avais mon aine sur l'épaule,
Une étoile brillait là-haut...
Quelle chanson disait le saule
Au bord de l'eau?

Au moment de l'ombre indécise
Qui fait tourner l'olivier gris,
Sur la margelle en pierre grise
Il s'est assis.

J'ai noué la corde à l'amphore
Pour la descendre jusqu'au fond
— Une étoile faisait un rond
Dans l'eau sonore —

Est-ce vers moi qu'il se penche?
Ou bien vers l'astre du rivage?
O mes soeurs, j'ai vu le reflet
De son visage...

Pas à pas, dans l'ombre, au moindre
Ou nuit sur le val s'incline.
J'ai redescendu la colline
Pénitivement...

Le vent est doux, la nuit sereine.
— Mes soeurs, n'avez-vous donc pas vu
Sur le chemin de la fontaine
Un inconnu? —

CHANSON

Lorsque plus tard je serai morte
Viens chanter sur mon tombeau gris
Comme jadis contre ma porte

DE DALZO

FIDELITE

Malgré l'absence aux yeux meures
Qui me fit de si tristes jours,
Je l'aime autant que je l'aimeis
Encor, toujours.

Je l'aimerai peut-être en vain
Mais de l'aube jusqu'à la nuit
Aujourd'hui comme hier, demain*
Comme aujourd'hui.
Et je l'aurai toujours aimé
Fidèlement, jusqu'à à mourir,
Dans le présent, dans le passé,
Dans l'avenir...

A MAMÈRE

Je voudrais chanter tes cheveux
Dans le calme obscur de leur tresse
Mélancoliques, presque, un peu,
Puisque d'eux s'en va la jeunesse...
Je voudrais chanter tes cheveux
Et que la gloire les connaisse...

Je voudrais raconter tout bas
Au soir, à la route, au silence,
Ton cœur profond, ton grave pat,
Ton geste doux qui se balance,
Je divin courir un peu las
Quis s'est penché sur mon enfance.

Je voudrais te bénir sans bruit
Avec des mots lents de prière
Et tous les souffles de la nuit
O ma sagesse, ô ma lumière,
Je voudrais te bénir sans bruit
Avec des mots lents de prière.

LE SILENCE

Ne me demande point quelle ombre de négusse
Guite au bout du tournant la trace de mes pas...
Si peut-être aujourd'hui mon cœur se désespère
Un peu plus qu'il faut, ma soeur, n'en parle

Laisse nos mœurs s'unir sans bruit

Ne disons rien,

Les tranquilles cyprès tournés vers le ciel pâle
Veillent sur les derniers sommets, d'un air
Songeant...

Et ja ne suis ici dans la maison finale
Qu'un silence de plus et qu'une autre blancheur,
Que sont-ils devenus ceux que j'aimais? Personne

[Ine]

Depuis déjà longtemps ne vient ce jour d'autre
J'ignore

Où jadis j'entendais parfois son pas venir...
Qu'importe? De mon cœur les songes s'en allèrent,

[Irent]

Et la haine, et l'amour, et jusqu'au souvenir,
— La misère au dessous de toutes les misères —
Et j'ai tout oublié comme tons et oublié.

PARVA DOMUS

Une flûte a chanté là-bas, je ne sais où...
Viens, ma peine, il faut fuir notre demeure en

[cendre]

Voici le soir d'autonome, obscur, et grave, et

[tendre]

Et la paix du Seigneur qui baisse enfin sur nous.

[Ivre]

Allons toutes les deux ans l'ombre, loin de tout.
Laisse là ton regret que ne peut rien te rendre...
Une flûte a chanté très bas, dans le noir donc.

[Venne]

Perme tes pauvres yeux, ma peine, pour l'enten-

[dre]

Voici la sente obscure et le chemin désert
Les bouleaux de la rive étroite ont comme un aïc

[fleuve]

Fleuve, près de l'étang mélancolique et som-

[bre]

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

L'herbe et douce à nos pieds, les arbres sont

[fletris]

— Une flûte a chanté tout bas dans la pinom-

[fibre]

IV

NOVEMBRE

La route est presque obscure et j'ai fermé les

[yeux]

Pose sur mes genoux ton bouquet de bruyère

[mière]

Autonne... l'arbre est nu, le mont silencieux

[paire]

Et la paix du soir gris descend sur chaque pier-

[tre]

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

L'herbe et douce à nos pieds, les arbres sont

[fletris]

— Une flûte a chanté tout bas dans la pinom-

[fibre]

QUIETUDÉ

Pour mieux me souvenir des jours laissés der-

[rière]

Automne, chante moi dans l'ombre, un après un,

[légère]

Les vers du vieux poème adorable et défunt

Tandis qu'au loin s'endort la dise inquiète rude...

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

C'est ta voix fraternelle au bord du chemin

[froux]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

Automne souvenir, automne solitude.

Car tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est ta voix fraternelle au bord du chemin

[froux]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

[gris]

C'est tout ce qui me reste et tout ce que je veux

... viens, ma peine, il fait calme, et solitaire, et

A MORTE DE ROMAIN ROLLAND

Nesta fase atroz da história da humanidade, neste em benefício das coisas de que estamos vivendo entre tantas dores e tanta lágrima, cava-se um vazio. Seu exemplo, na guerra de 1914, foi incomparável. Não

brutalidade nazista. Sua atitude revestiu-se de uma significação importantíssima, por todos os motivos: pelo esplendor e a magnitude de sua obra, pela posição de imparcialidade assumida na confligação anterior, pela beleza das doutrinas pacifistas que sempre havia apregado.

Os sequizes de Hitler não puderam suportar a sua conduta, e meteram-no em um dos seus campos de concentração. Romain Rolland, quebrado e cansado, via a sua saúde dia a dia deperecer.

Em outubro de 1943, o telegrafo transmitiu ao mundo a notícia de sua morte. Foi desmentida a notícia da morte — embora todos soubessem que para aquele grande espírito era bem pior do que a morte a reclusão infecta num campo de concentração...

Romain Rolland faleceu agora, com 80 anos de idade. Seu velho coração, o baquear, estava, com certeza, deserto de crenças e esperanças, só povoado de delusões.

Contudo seu grande exemplo vai ficar indelevelmente guardado para a humanidade, e constituirá, em todos os tempos um fecundo

e luminoso estímulo para todos os homens que neste mundo possuem a virada maravilhosa, da sinceridade e da boa vontade. Porque Romain Rolland foi em tudo e antes de tudo esse ser incomparavelmente formoso: uma alma de liberdade e de boa vontade.

Fluviol 17 de 1948

Car. Lippmann

*Muito, muito de la gente.
Viva para este projeto!
Viva seguindo Brasil. Pregador
que fizeram batalha em todos os
campos. Viva a vida livre —
luta, luta, luta. L'Europe
é um jardim de negros!*

Viva! L'Europe

FAC-SIMILE de um endereço de Romain Rolland



ROMAIN ROLLAND

Romain Rolland, um retrato feito por Portinari

imensa para o nosso espírito, ficando de acordo com um, todas as vezes que vemos desaparecer um grande valor moral, um daqueles que haveriam de servir como uma garantia de boa vontade e de retidão, de intenções, na reconstituição do mundo.

Esso foi o grande significado que teve, nesta hora, a morte de Romain Rolland.

Poucos homens, no mundo de hoje, poderiam falar tão alto quanto ele, em nome do Espírito. Nenhum soube sacrificá-lo tanto, na vida, daquilo que significasse bem

ficando de acordo com um, nem com outro dos grupos que se defrontavam nos campos de batalha, ele exilou-se na Suíça. Ali, com um pugilote de homens de crenças iguais às suas, não cessou de gritar contra a luta e o morticínio, mostrando a todos os homens os caminhos rústicos da Paz.

Na guerra atual não manterá a mesma atitude de abstenção e de protesto — que em 1914 era fácil de compreender. Soube erguer-se num protesto contra a

ARQUIVOS LITERARIOS

A Academia Brasileira de Letras acaba de criar, em sua diretoria, o cargo de diretor do arquivo. Instituição que tem congregado algumas das figuras mais altas do pensamento brasileiro, passou, de suas atividades, preciosos documentos e reminiscências, e a elas chegaram, de todas as origens, importantes ofertas de peças raras que pertenceram a seus membros ou a escritores de nomeado do país e do estrangeiro. Não lhe cabe apenas a guarda e vigilância da língua nacional, mas também a da patrônio literário, compreendendo no seu mais alto sentido, que inclui, por certo, dentre outros aspectos, a correspondência dos escritores, os inéditos, as primeiras edições de suas obras, as publicações esparsas em jornais e revistas, as entrevistas concedidas à imprensa, a crítica publicada a respeito de cada qual, as atividades praticadas na Academia e fora, no domínio

estudo, organização e divulgação da cultura e a ciência, com que rebusco sempre as coisas do passado literário e o eficiente espirito fixar a imagem das acadêmicas, das tirando a melhor



Romain Rolland em companhia de Machado de Assis

O Arquivo da Academia, nos moldes em que se vai estruturar, poderá vir a ser a mais preciosa fonte de estudos das nossas atividades literárias. — C. K.

(A NOITE — 4-1-45)

VERROS NASCIDOS DO ARDOR DO AMOR DE DEUS QUE EM SI POSSUIA SANTA TERESA DE JESUS -- Tradução de João Alphonsus

NOTA

Temos em organização um número do nosso suplemento dedicado a João Alphonsus, o ilustre prosador e poeta mineiro há pouco falecido. Para esse futuro número de *Autores e Livros*, Alphonsus de Guimaraens Filho que em si possuia Santa Te-

remetido muitos trabalhos em prosa e versos de seu saudoso irmão, sendo que alguns desses trabalhos são inéditos da maior importância. Entre estes últimos, contam-se os *Versos Nascidos de Ardores do Amor de Deus*.

VIVO SEM EM MIM VIVER,
E A TÃO ALTA VIDA CORRO.
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO.
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

GLOSA

A divina reunião
Deste amor em que me vivo,
Faz a Deus ser meu cativo
E livre o meu coração.
Mas causa em mim tal paixão
A Deus meu cativo ver,
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

* * *

Ai! como é comprida a vida,
E duros estes desferros,
Este cárcere, estes ferros
Nos quais a alma está metida!
Só de esperar a saída
Me faz tanto padecer,
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

* * *

Ali! que vida tão amarga
De não gozar o Senhor!
E se é tão doce assim o amor,
Não é a esperança larga;
Tire-me Deus esta carga,
Este peso sem socorro,
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRER.

* * *

Sómente com a confiança
Vivo de que hei-de morrer,
Porque morrendo o viver,
Me consola a esperança,
Morte o viver se alcança
Não demores, vem num jarro,

QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO

* * *

Olha que o amor é bem forte!
Vida, não sejas molesta;
Olha que apenas te resto,
Para te ganhar, a morte;
Venha já a doce sorte,
A morte para viver,
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

* * *

Aquela vida do alto, alta,
É que é a vida de verdade.
Quando à vida não se evade,
Não se goza estando viva.
Morte, não sejas esquivar;
Viva e morre sem viver,
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

* * *

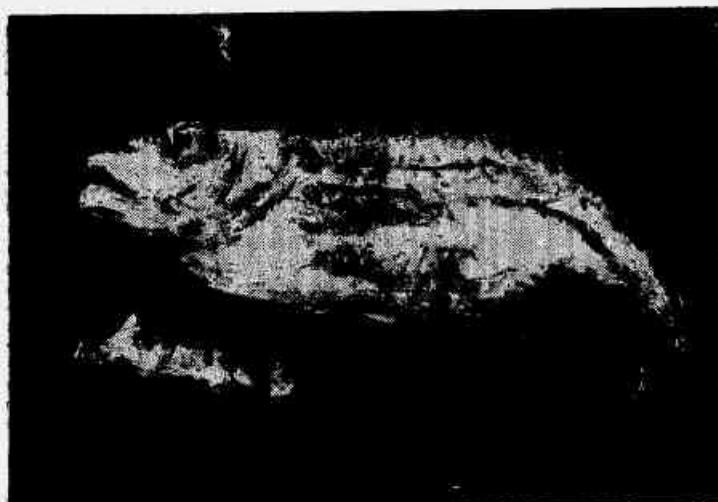
O' vida, que posso dar
A meu Deus em mim vivenda
A não ser em te perdendo
Para melhor O gozar?
Quero morrendo O alcançar,
Pois que só para Ele corro.
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO.

* * *

Estando ciente de ti,
Como a vida pode ser,
Senão morte padecer,
A maior que jamais vi?
Tenho pena de mim, se
O meu mal é sem socorro,
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO.

(Belo Horizonte, 25-9-1942).

GALERIA DE ARTE



N. 23 — Yvan Roger: Peixe Vermelho



Ensiné, num desenho de Ensiné

Carta a Cairú

(Conclusão da 7.ª pág.)
de perpetuidade. Ficar-lhe-
-ei muito obrigado por este
objeto, e estimarei ter muitas
ocasiões de lhe servir, o co-
nhecer, e de mostrar que sou
e serei perpetuamente, do
Vmc.

Amigo afetuoso e obriga-
dissimo servo,

Antônio de Moraes Silva

Rio, 6 de Maio de 1922

Rio, 6 de Maio de 1922.

Meu caro amigo,

remeto-lhe as provas de *Dente*, pedindo que
m'as devolva, segunda-feira, para a *Academia*.

Parece-me que a nota, única e final, deve sair
como da redação da *Revista*.

Resolverá o que melhor lhe pareço.

Creia-me sempre com muito afeto e muito ad-
miração,

colega humilhíssimo

ALBERTO FARIA.

*Note: — No fascículo que dedicamos a Alberto Faria (volume 7.º) deixamos de incluir um documento que ali faz falta: o *fac-símile* do seu autógrafo. Tínhamo-lo à mão, entretanto, e era nosso propósito inclui-lo ali, a exemplo do que sempre fazemos para os escritores que estudamos em *Autores e Livros*. Embora um pouco re-
tardado, damo saqui o autógrafo de Alberto Faria, docu-
mento que deve, portanto, ficar ligado ao fascículo a
que acima nos referímos, (aparecido em 16 de Julho
do ano passado).*

ESCRITORES BRASILEIROS



BALADA DO REI DAS SEREIAS

MANUEL BANDEIRA.

O REI ATIROU
SEU ANEL AO MAR
E DISSE AS SEREIAS:
— IDE-O LA BUSCAR,
QUE SE O NAO TROUXERDES,
VIRAREIS ESPUMA
DAS ONDAS DO MAR!

FORAM AS SEREIAS,
NAO TARDOU, VOLTARAM
COM O PERDIDO ANEL.
MALDITO O CAPRICHO
DE REI TAO CRUEL!

O REI ATIROU
GRAOS DE ARROZ AO MAR
E DISSE AS SEREIAS:
— IDE-OS LA BUSCAR,
QUE SE OS NAO TROUXERDES,

VIRAREIS ESPUMA
DAS ONDAS DO MAR!

FORAM AS SEREIAS,
NAO TARDOU, VOLTARAM,
NAO FALTAVA UM GRÃO.
MALDITO O CAPRICHO
DO MAU CORAÇÃO!

O REI ATIROU
SUA FILHA AO MAR
E DISSE AS SEREIAS:
— IDE-A LA BUSCAR,
QUE SE A NAO TROUXERDES,
VIRAREIS ESPUMA
DAS ONDAS DO MAR!

FORAM AS SEREIAS
QUEM AS VIU VOLTAR?
NAO VOLTARAM NUNCA;
VIRARAM ESPUMA
DAS ONDAS DO MAR!

Petrópolis, março de 1943

A VIDA DOS LIVROS

Na página de apresentação acostumada dos Autores e Livros, vimos uma seqüência com o título acima, na qual fazíamos, embora de maneira ligeira e com intenção outra, servir a de um breve resumo bibliográfico, o recentamento dos livros aparecidos. O excesso de trabalhos, que o ultimado desenvolvimento de Autores e Livros nos forçou, obrigou-nos a suspender aquela seqüência.

Hoje, entretanto, os saudos e oitavo volume dessa publicação, deliberamente criado de novo aquela coluna em que iniciada. Na Vida dos Livros iremos registrar o reaparecimento das obras que nos foram enviadas dando delas, toda a vez que não for possível, uma referência bibliográfica ou crítica. Para os dias, limitar-nos-emos ao mero registro bibliográfico. Creemos que com isso atenderemos às solicitações de tantos leitores, que têm freqüentemente reclamado em Autores e Livros a existência de uma seção dessa natureza.

Euclides da Cunha — *Rebellion in the Backlands*. Tradução para o inglês de Samuel Putnam — 535 páginas — Imprensa da Universidade de Chicago — Illinois. O ano de 1944 marcou um

extraordinário para o prestígio da inteligência brasileira perante o mundo. O aparecimento, em língua inglesa, de "Os Sertões", de Euclides da Cunha. A edição americana, e devolvendo-as ao sr. L. S. Beale.

A tradução foi feita por Samuel Putnam que já tem outras notáveis traduções de português, de italiano e de francês aquela seqüência.

Já agora podemos dizer que a tradução americana de "Os Sertões" constitui um êxito absoluto. Nessa versão, adquiriu o grande fôrro o título de "Rebellion in the Backlands".

Ninguém que já tenha estudado um pouco a vida e a obra de Euclides da Cunha ignorará que o sucesso de "Os Sertões" foi rapidíssimo, e pareceu antes um ato de magia.

Em dois ou três dias, o escritor, que antes era obscuro,

passou a ser celebrado. Deu no Rio e em todo o Brasil, uma verdadeira mania de Euclides da Cunha, uma verdadeira mania de "Os Sertões". E os críticos mais frios e impassíveis participaram de tal paixão.

Ora, esse mesmo fato, registrado no Brasil em 1902, por ocasião do aparecimento da obra, acabou de repetir-se nos Estados Unidos.

Tomou assim, agora, o nome grande Euclides da Cunha colocado, pela justa admiração do mundo, no lugar que lhe coube, na cultura universal como uma espécie de Homero Brasileiro: o poeta-maravilhoso de nossa idínia nacional, tão cheio de drama intensos, tão fulgurante de crença e de poesia.

Melito Vellinho — *Letras da Província* — 189 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1944.

O livro abrange os seguintes ensaios: Alcides Maia — A expressão literária e o sentido sociológico da sua obra; Augusto Moyer — Poesia e critica.

João Pinto da Silva — Crítica Construtiva; Dionélio Machado — Da Conto ao Romance;

Erich Veríssimo — O Romancista; Viana Moog — O Romance de uns Ensaistas;

André Carranzoni — O Perfil do Presidente; Athos Damasceno Ferreira — A Cidade e o Poeta;

O volume inclui ainda, em apêndice, uma conferência proferida pelo autor por occasião

do centenário do nascimento de Machado de Assis.

Pocinha Cavalcanti — *Ausência de Poesia* — 299 páginas — Editor A. Coelho Branco Filho — Rio — 1942.

Serafim Leite — *Camões — Poeta da expansão da fé — Sepavat*, acusada, de 500 exemplares do Arquivo Camoneano da Academia Brasileira de Letras — 85 páginas — Imprensa Nacional — Rio — 1943.

Alfonso Penna Junior (da Academia Mineira de Letras) — *Critique de alcoolismo de meus amigos da Biblioteca de Ajuda* — 71 páginas — Imprensa Nacional — Rio — 1943.

Louis Barthou (da L'Academie Française) — *La Vie Amoureuse de Richard Wagner* — 189 páginas — Americo — Edit. — Rio — s.d. (1943).

Eloy Portes — *A Vida Extravagante de Otavio Bilac* — 2 volumes — Edição Ilustrada — 683 páginas seguidas — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1944.

O maior público anteriormente, uma obra sobre Machado de Assis, uma sobre Ron Pompeia, uma sobre Euclides da Cunha — cada uma delas enriquecida de um documentário de fatos e circunstâncias abundantíssimo.

Otavio Bilac, que é um dos autores de sua predileção, foi agora estudado com o maior carinho.

De ora por diante quem quer que tenha que estudar a figura do autor de *Via Luctuosa* será forçado a meditar as páginas do sr. Elio Pontes.

Ligia Fagundes — *Prata Viada* — Capa de Clovis Graciano — 136 páginas — Livraria Martins — Editora — São Paulo — 1944.

A autora desse livro é uma jovem paulista. Seus contos (dos quais damos em uma de nossas edições anteriores, uma amostra do leitor) são convidados e intensos, impregnados de dor e de poesia.

Podemos prever em Ligia Fagundes uma de nossas primeiras escritoras, daqui a algumas anos.

Endereço desta Seção — Fernando Meneses, 7 — Ap. 122 — Copacabana.